

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**UMA PRAÇA, NUMA CIDADE:
DESIGUALDADES E DIFERENÇAS NO VIVER O ESPAÇO PÚBLICO.
UBERLÂNDIA – MG 2005.**

NEILA LAMONIER COSTA

NEILA LAMONIER COSTA

**UMA PRAÇA, NUMA CIDADE:
DESIGUALDADES E DIFERENÇAS NO VIVER O ESPAÇO PÚBLICO.
UBERLÂNDIA – MG 2005.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profª. Drª. Célia Rocha Calvo.

Uberlândia, abril de 2006.

NEILA LAMONIER COSTA

**UMA PRAÇA, NUMA CIDADE:
DESIGUALDADES E DIFERENÇAS NO VIVER O ESPAÇO PÚBLICO.
UBERLÂNDIA – MG 2005.**

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Célia Rocha Calvo - Orientadora

Profª. Drª. Dilma Andrade de Paula

Prof. Ms. Renato Jales da Silva Júnior

COSTA, Neila Lamonier, 1979.

Uma praça, numa cidade: desigualdades e diferenças no viver o espaço público.

Uberlândia – MG 2005.

Neila Lamonier Costa – Uberlândia, 2006.

72 laudas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Célia Rocha Calvo.

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Palavras-chave: 1. Cidade; 2. Praça; 3. Memórias; 4. Vivências.

No decorrer destes anos, com muitas dificuldades me deparei, mas pude contar com o apoio de pessoas que, de alguma maneira, me incentivaram, me amparam com palavras e/ou gestos, dando-me forças para concretização desse percurso. Dedico este trabalho, primeiramente à Deus, pois, certamente sem o seu amparo, amor e proteção nada em minha vida seria possível. Em especial, à minha mãe, Iraides Lamonier Costa, com quem pude compartilhar meus sucessos e insucessos ao longo desse tempo, sempre me apoiando, acreditando em minha capacidade e me motivando dia a dia, através de seu amor. Às minhas irmãs Cleina e Queila Lamonier Costa pelo carinho e colaboração no convívio cotidiano. Ao meu noivo, Anderson César Severiano, pela paciência e dedicação em todos os momentos. À Patrícia Costa Paim, companheira de jornada, amiga em todas as horas. Aos meus colegas de curso, com quem compartilhei cada instante, convivendo diariamente esse processo de aprendizagem: Maria Antônia Campos, Gislaine Felix, e todos os outros. Para minhas colegas de trabalho e amigas que me incentivaram, me “suportaram” nos momentos de angústia e desânimo: Kátia Mara, Mara Rúbia, Rosana Bossolani e Sandra Regina.

Agradeço aos professores do Instituto de História, que durante esta graduação contribuíram com meu aprendizado, viabilizando os caminhos para tantas descobertas, agora comemoradas. Especialmente à Prof^a. Dr^a. Célia Rocha Calvo, pelos momentos de paciência, dedicação e presteza, com que sempre me orientou e incentivou à realização desta pesquisa, mesmo nos momentos mais difíceis dessa jornada. Agradeço a Prof^a. Dr^a. Dilma Andrade de Paula e ao Prof. Ms. Renato Jales da Silva Júnior pela disponibilidade em fazer parte da banca examinadora. Agradeço ao secretário do Instituto de História, o amigo João Batista, pela atenção dispensada ao longo desses anos. E, agradeço ainda, os sujeitos que se dispuseram a compartilhar suas experiências, através de suas narrativas orais, os quais tive o prazer de entrevistar: Carmem Heloísa Alves, Dalmo Alves, José Cláudio Gonçalves Teodoro, José Horácio Saramago, Kelson Faria Costa, Queila Lamonier Costa, Sandra de Cássia Peixoto, Vanilda Carrijo e Waltercides José Bastos, o que permitiu a realização desta pesquisa.

Resumo

O presente trabalho busca pensar a Praça Nossa Senhora Aparecida nas relações sociais construídas na cidade, tendo como referência as vivências, convivências e experiências dos moradores do Bairro Nossa Senhora Aparecida, usuários desta praça, na cidade de Uberlândia – MG. Assim, através das memórias e histórias destes sujeitos, provenientes de suas narrativas orais, conforme suas lembranças selecionadas, busquei apreender as diferentes formas de usos, ocupações e apropriações deste espaço público. À partir dos modos que estes sujeitos vivem, moram, se divertem, trabalham, foi possível refletir sobre as tensões, conflitos e disputas sociais neste espaço urbano, conforme práticas sociais dos habitantes desta cidade.

Sumário

Apresentação	08
Capítulo I	
Uma praça: diferentes usos e lembranças.	19
Capítulo II	
Tensões, disputas e conflitos sociais numa praça.	46
Considerações Finais	67
Referência Bibliográfica	71

Apresentação

Esta pesquisa propõe pensar a praça na cidade, a partir das vivências, convivências e experiências dos sujeitos sociais, sendo referendada nas memórias e histórias dos moradores do Bairro Nossa Senhora Aparecida, usuários da Praça Nossa Senhora Aparecida. E através das narrativas orais destes sujeitos irei refletir este espaço urbano no viver destes habitantes, conforme suas práticas e relações sociais.

A praça Nossa Senhora Aparecida está localizada no Bairro Nossa Senhora Aparecida, na região central da cidade de Uberlândia – MG. Esta Praça não tem uma data específica de construção e/ou fundação, visto que seu surgimento está diretamente ligado a história do Santuário Nossa Senhora Aparecida, pois, no decorrer do tempo histórico, projetos foram desenvolvidos e deram origem a esta praça, a este novo cenário urbano. No final da década de 1950, na gestão do Prefeito Afrânio Rodrigues da Cunha, esta praça foi pavimentada e ajardinada, no entanto, o espaço anterior já era denominado “praça” pelos habitantes da região, porém, ainda de terra, sem bancos, desprovida desta estrutura que neste momento chamamos de praça.

Frente a isso, conforme as lembranças dos sujeitos históricos, percebemos que à medida que este bairro foi sendo habitado, a partir do início do século XIX, sendo chamado naquele momento de “Vila Operária”, houve a construção de uma capela e, ao longo do tempo histórico, este espaço existente à frente desta capela foi ganhando forma de uma praça, a Praça Nossa Senhora Aparecida.

A partir das memórias e histórias destes moradores e usuários da Praça Nossa Senhora Aparecida, produzi uma reflexão acerca das experiências desses sujeitos, entendendo, pois, esta praça enquanto um lugar de memórias construídas nas relações sociais cotidianas. O significado desta praça pode ser percebido no modo de viver na cidade, em diferentes períodos históricos, de acordo com as ações dos moradores da cidade.

Dessa forma, tentei pensar, através dos diálogos com estes moradores e usuários da praça, de acordo com suas lembranças, o que este espaço representa para eles, em diferentes temporalidades de suas vivências, concebendo este enquanto um espaço de socialização, de lazer, de trabalho, de “morar”. Com isso, busquei apreender as diversas formas que os sujeitos sociais fazem uso deste espaço urbano, criado e aproveitado conforme as práticas dos indivíduos de uma sociedade.

Minha inquietação acerca deste espaço, a Praça Nossa Senhora Aparecida, no modo de viver dos sujeitos sociais, habitantes dessa cidade, surgiu á partir de minhas próprias experiências, sendo despertada durante o período de graduação quando cursando a disciplina *Tópicos Especiais 1 em História do Brasil*, ministrada pela professora Célia Rocha Calvo, neste momento minha orientadora, sugeriu que fizéssemos um *ensaio*, no qual deveríamos utilizar fontes orais. No entanto, os usuários da Praça Nossa Senhora Aparecida não foram escolhidos naquele momento como cerne da pesquisa, mesmo havendo despertado meu interesse.

Por ter residido no Bairro Nossa Senhora Aparecida por aproximadamente 08 anos, de 1996 a 2004, tive muito contato com este espaço enquanto usuária. Esta praça foi lugar de encontros com meus amigos, pois sempre nos reuníamos neste para uma conversa descontraída, principalmente aos domingos, nos horários anteriores e posteriores as celebrações no Santuário Nossa Senhora Aparecida.

Naquele momento tive a oportunidade de observar e perceber os diferentes sujeitos que freqüentavam esta praça, que através de seus atos demonstravam interesses distintos. Tal fato me fez indagar sobre o que estas pessoas buscavam/buscam neste espaço, e ainda, o que este lugar representa no viver desses sujeitos, em suas relações sociais construídas neste espaço urbano, visto que, eu tinha apenas uma “resposta”, a relacionada às minhas próprias experiências, concebendo este enquanto um lugar destinado ao lazer, a diversão.

Diante disso, instigada a buscar outras concepções sobre esta praça, fiz estes sujeitos, os moradores do Bairro Nossa Senhora Aparecida e usuários da

Praça Nossa Senhora Aparecida, objetos para minha pesquisa monográfica, a qual me possibilitaria apreender outras formas de usos deste espaço, bem como buscar percepções semelhantes à minha.

Muitas vezes apenas observei, permaneci espectadora de um cenário em que realidades antagônicas se encontram, se expressam e “convivem” diariamente, sendo este caracterizado pela presença de diferentes perfis sociais. Aposentados conversando, jogando baralho, dama, com os amigos, crianças brincando ao entardecer, trabalhadores, vendedores ambulantes, taxistas, vigias de carros, a postos a espera de clientes. Moradores de rua que fizeram neste espaço suas moradias “invisíveis”, dentre outros sujeitos que, de alguma maneira, aproveitam este espaço conforme suas práticas e relações sociais.

Neste período de buscas pelo bairro pude ver além do que estava habituada, certamente o olhar da pesquisadora se sobrepôs ao olhar da antiga moradora, que agora retornara com um objetivo específico, realizar uma pesquisa acerca das vivências, convivências e experiências dos moradores do bairro Nossa Senhora Aparecida, construídas no espaço da Praça Nossa Senhora Aparecida.

Para compreender tais relações, a partir dos modos como estes moradores vivem, moram, se divertem, trabalham, expressando diariamente suas ações, e, dessa forma, elaborando esta paisagem urbana, percorri ruas do Bairro Nossa Senhora Aparecida em busca desses sujeitos, tendo como objetivo apreender os diversos significados deste lugar a partir de suas narrativas.

Conforme citado acima, esta pesquisa foi referendada nas narrativas orais destes sujeitos sociais, sendo a Fonte Oral elegida enquanto método de investigação para o desenvolvimento e reflexão acerca do tema proposto. Contudo, ainda fiz uso de outras fontes, principalmente textos escritos, sendo estes fundamentais para um melhor entendimento sobre o processo de construção deste espaço público e as diferentes formas dos habitantes terem suas experiências cotidianas nele expressadas.

Para isso, realizei nove entrevistas com moradores do bairro e usuários dessa praça, cujas trajetórias são distintas, portanto suas experiências pessoais,

sociais estão relacionadas a Praça Nossa Senhora Aparecida. Estes sujeitos, os quais entrevistei, são cinco homens e quatro mulheres.

Os encontros com estes moradores se deram de diferentes maneiras, sendo em suas residências e/ou na praça, locais onde os entrevistados se dispuseram a compartilhar suas experiências, expressando através de suas lembranças seus sentimentos, suas opiniões, suas expectativas no que se refere ao espaço da praça.

Conversei com pessoas que eu já havia estabelecido algum contato anterior e com aqueles que eu tive a oportunidade de conhecer nesse momento: jovens, aposentados, trabalhadores, dona de casa, desempregado, homens e mulheres com idades variadas, em busca de apreender a diversidade deste espaço, da Praça Nossa Senhora Aparecida, através das memórias e histórias destes sujeitos sociais.

Foi nesta praça que conheci e entrevistei o Sr. José Cláudio, um morador de rua, desempregado, que vigiava os veículos estacionados aos arredores da praça. Tivemos apenas um encontro, numa tarde de sábado, quando dialogamos tranqüilamente, por um longo período de tempo, sentados no banco desta praça, enquanto observávamos o que acontecia ao nosso redor. Este sujeito narrou sobre suas experiências e expectativas de vida, as maneiras de viver naquele espaço urbano, convivendo com sujeitos, cujas situações se equiparam a sua e também sujeitos pertencentes a outros grupos sociais.

Na praça, eu também conheci os Srs. Waltercides e Kelson, taxistas que trabalham neste espaço, tendo-o enquanto um lugar de se relacionarem com outros sujeitos, de descansar, mas acima de tudo, um lugar de trabalhar. Nossos diálogos foram no ponto de táxi, enquanto não havia passageiros, quando conversamos nós três, entrevistadora e entrevistados, sob os olhares de outros taxistas e demais freqüentadores desta praça.

Com a Sra. Carmem, uma costureira, moradora do Bairro Nossa Senhora Aparecida, foram realizadas duas entrevistas, ambas em sua residência, tendo na primeira entrevista a participação de seu esposo, o Sr. Dalmo, e na segunda

somente ela narrou suas experiências. Quando fiz a primeira entrevista seu esposo mostrou-se com um ar desconfiado, inicialmente, não se dispondo a participar, portanto, após algum tempo de observação, começou a falar, espontaneamente, contando suas vivências na praça, parecendo não mais se incomodar com o gravador que estava ligado.

Depois de realizada a primeira entrevista com a Sra. Carmem ela me convidou a fazer uma visita ao seu pai, o Sr. José Horácio, um aposentado, viúvo, que me recebeu prontamente, muito disposto a colaborar com esta pesquisa. Em sua residência, uma casa simples, construída nos fundos da residência da Sra. Carmem, este sujeito me contou sobre suas relações construídas neste espaço, suas experiências enquanto trabalhador, quando ajudou a construir esta praça, dentre outras passagens de sua vida social elaboradas neste espaço da cidade.

Ainda sobre as entrevistas realizadas, tive dois encontros com a Sra. Sandra, uma moradora do bairro, sendo uma na praça e a outra em sua residência, respectivamente. Na praça conversamos enquanto as suas três filhas brincavam, correndo livremente naquele lugar, mas sendo observadas pelo olhar atento da mãe. Tanto no primeiro quanto no segundo encontro as entrevistas foram muito produtivas, entendendo que, por ter nascido naquele bairro e freqüentar a praça desde criança, esta moradora se mostrou muito interessada em falar sobre tudo o que presenciou e experimentou neste espaço urbano.

A Sra. Vanilda foi a primeira pessoa que procurei para conversar quando elegi os moradores do Bairro Nossa Senhora Aparecida os sujeitos sociais que elencaria esta pesquisa monográfica, pois ela é uma conhecida da minha família, que eu, previamente, sabia que morava neste bairro desde sua infância. Em algumas conversas que antecederam a entrevista gravada, falamos sobre a cidade, o bairro e a praça, havendo a participação em nossos diálogos de sua mãe, a Sra. Londina Carrijo, de 80 anos, que, através de sua vivacidade e disposição me fez ampliar minha visão, tanto no que se refere ao bairro quanto no que tange ao espaço da praça. No entanto esta senhora não se dispôs a gravar entrevista, apenas observou em silêncio, a filha naquele momento.

Com a Srta. Queila foi interessante, pois sendo esta minha irmã, sempre ouvia-me falar sobre esta pesquisa monográfica, da proposta que permeava o espaço da Praça Nossa Senhora Aparecida tendo como referência as práticas sociais de seus usuários. Dessa forma, no decorrer desse processo de investigação, me vi diante de um sujeito que, muito próximo à mim, também tinha memórias e histórias decorrentes de suas vivências naquele meio social e que, espontaneamente, falava-me destas experiências corriqueiramente. Então resolvemos gravar uma entrevista, quando tive a oportunidade de ouvi-la enquanto historiadora/pesquisadora.

Esta entrevistada se fez exceção em meio aos moradores do Bairro Nossa Senhora Aparecida por ter se mudado deste no início de 2004, portanto por manter fortes vínculos com este espaço, tendo-o em suas atuais experiências, achei por bem ouvi-la, sabendo ainda que suas concepções desta praça foram adquiridas, principalmente, quando foi moradora deste bairro.

As gravações das entrevistas ocorreram, normalmente, num segundo encontro, já que no primeiro me limitei a explicar ao entrevistado o objetivo desta pesquisa e o quão importante seria sua contribuição para realização da mesma, estabelecendo assim uma conversa informal, no entanto, importante, visto que ao interagir previamente com o sujeito tornaria mais fácil realizar um diálogo sobre o tema proposto. Isso ocorre porque muitas vezes o entrevistado recorre as suas memórias, resgatando lembranças de suas vivências sociais, sua intimidade, no intuito de relatar algo ou alguma coisa vinculada ao assunto de interesse, permitindo-o, dessa forma, ficar mais à vontade nos diálogos realizados.

Durante idas e vindas houve algumas recusas, estranheza e resistência de moradores que, alheios à situação, não quiseram colaborar com esta pesquisa, porém ainda pude contar com aqueles que de uma maneira ou outra participou, viabilizando a realização deste trabalho, seja me levando/apresentando aos sujeitos entrevistados, ou me falando sobre suas próprias trajetórias, mesmo não havendo gravações nestes momentos. Ainda pude contar com a grande

colaboração dos nove sujeitos entrevistados, os quais me deram suporte para desenvolver, pensar, refletir o tema desta pesquisa.

No que tange ao tratamento dispensado a Fonte Oral, me embasei nas obras de alguns autores que, em especial, me nortearam neste momento de pesquisa: Alessandro Portelli, Alistair Thomson, Yara Aun Khoury e Janaína Amado, dentre outros.

Portelli me fez perceber a História Oral enquanto uma “*ciência e arte do indivíduo*”, a qual se embasa em conversas com pessoas, agentes sociais, sobre suas experiências referendadas em suas memórias. Portanto, segundo este autor, a História Oral é constituída por:

*“(...) versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças”.*¹

E, foi através das lembranças dos moradores do Bairro Nossa Senhora Aparecida que elaborei este trabalho, conforme suas perspectivas, pensando por meio de suas histórias e memórias as formas de viver na cidade, se relacionar com outros sujeitos, definir territórios de sociabilidade, em espaços como a praça.

Entendendo, pois, que as histórias contadas por estes narradores, provenientes de nossos diálogos, são (re)elaboradas de acordo com suas vivências, podendo ser mudadas no decorrer do tempo histórico, conforme suas experiências sociais, sofrendo subtrações ou acréscimos, além de serem contadas de maneiras parciais, conforme Alessandro Portelli², cabe ao historiador/pesquisador problematizar e interpretar tais narrativas, refletindo de

¹ PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** In: Ética e História Oral. São Paulo: Educ – Editora da PUC-SP, 1997. (p. 16).

² PORTELLI, Alessandro. **“O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral.** In: Muitas Memórias, Outras Histórias. Tradução Helen Hughes e Yara Aun Khoury. São Paulo: Ed. Olho D’água, 2004. (p. 296 – 313).

maneira sistemática, a fim de se aproximar ao máximo da realidade vivenciada por estes indivíduos.

Assim, faz-se necessário que o historiador/pesquisador apreenda além daquilo que o sujeito está lhe falando, pois sua postura, gestos, tonalidade da voz, dentre outras características, expressam sentimentos que, muitas vezes, não conseguimos transcrever, mas que não podem ser desprezados, visto que estes integram o conjunto que compõe a história narrada, uma história que faz parte da trajetória deste sujeito.

O historiador/pesquisador deve atentar-se as narrativas de cada sujeito, dispensando-lhes a devida atenção, pois cada um tem o seu valor, mesmo que este não tenha respondido tudo aquilo que gostaríamos de saber ou que gostaríamos que dissesse. Talvez o narrador deixe de dizer algo fundamental num primeiro encontro, mas depois poderá revelar fatos importantes, relevantes para a pesquisa realizada. Para Portelli *“cada pessoa é um amalgama de grande número de histórias “em potencial”, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados”*.³

Nessa perspectiva desenvolvi meu trabalho de campo, ouvindo os indivíduos, respeitando suas opiniões, suas visões acerca da sociedade, do espaço da praça e, na medida que fui tecendo minhas reflexões, tentei pensar as diferentes posturas destes sujeitos sociais, expressadas conforme suas narrativas, de acordo com suas vivências pessoais, mas ao mesmo tempo experiências compartilhadas, por se tratar de vivências e convivências num espaço público.

Segundo Thomson, as lembranças são compostas daquilo que o narrador acredita ter sido no passado, sendo necessário analisar além daquilo que o sujeito está narrando, percebendo também suas experiências posteriores, e, por isso, a maneira que ele conduz suas narrativas.

³ PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. In: *Ética e História Oral*. São Paulo: Educ – Editora da PUC-SP, 1997. (p. 17).

*“O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser”.*⁴

Frente a isso, “os entrevistados expressam somente aquilo que desejam”⁵, selecionando suas memórias, ou reconstruindo-as conforme suas expectativas e suas vivências atuais, devendo o historiador/pesquisador analisar tais narrativas, refletindo-as conforme essas mudanças na forma de pensar e agir que o sujeito apreende ao longo do período histórico.

Para conseguir um bom resultado na pesquisa, é importante a relação entre historiador/pesquisador e seus entrevistados, sendo necessário que aquele aja com responsabilidade, compromisso, e, principalmente, respeito ao entrevistado. Dessa forma, fiz o possível para que, embasada na ética, realizasse esta pesquisa monográfica.

De acordo com Janaína Amado:

“São, fundamentalmente, procedimentos éticos, que servem para regular as relações entre os próprios historiadores, entre estes e suas fontes e entre estes e seus leitores.

*Pessoas, entretanto, não são papéis. Conversar com os vivos implica, por parte do historiador, uma parcela muito maior de responsabilidade e compromisso, pois tudo aquilo que escrever ou disser não apenas lançará luz sobre pessoas e personagens históricos (...) mas trará conseqüências imediatas para as existências dos informantes e seus círculos familiares, sociais e profissionais”.*⁶

Frente a isso, é preciso atentar-se ao tratamento dispensado a fonte oral, bem como para com as outras fontes, sendo importante salientar que ao fazer uso da fonte oral estamos lidando com pessoas, com seres humanos, que têm sentimentos, além de uma vida social, merecendo respeito e confiança quando da

⁴ THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre história Oral e as memórias**. In: *Ética e História Oral*. São Paulo: Educ – Editora da PUC-SP, 1997. (p. 57).

⁵ AMADO, Janaína. **A culpa nossa de cada dia: Ética e História Oral**. In: *Ética e História Oral*. São Paulo: Educ – Editora da PUC-SP, 1997. (p. 145).

⁶ Idem.

publicação de suas narrativas. Assim, no intuito de elaborar um trabalho monográfico pautado na ética, tive como referência, principalmente, as obras de Janaína Amado e Alessandro Portelli.

Para um melhor desenvolvimento deste trabalho, dividi-o em dois capítulos, nos quais refleti sobre as relações sociais destes sujeitos, em diferentes temporalidades, conforme a concepção de diversas categorias sociais.

No primeiro capítulo – *Uma praça: diferentes usos e lembranças* –, busquei pensar as diferentes formas de usos, apropriações e ocupações da Praça Nossa Senhora Aparecida, no viver dos moradores do bairro, de acordo com a percepção de cada sujeito. Trazendo um mapa dos significados deste espaço na vida de cada entrevistado, conforme práticas sociais destes habitantes, relações estabelecidas no espaço urbano.

No segundo capítulo – *Tensões, conflitos e disputas sociais numa praça* –, ao problematizar a questão sobre os conflitos, as tensões e as disputas sociais, eu trouxe para esta pesquisa as diferentes formas que os sujeitos concebem o espaço da praça, percebendo as diferenças de usos enquanto provedoras destes conflitos entre os sujeitos, conforme os interesses de cada grupo social. Nesse momento, pensar as diversas posturas, a do trabalhador, do aposentado, do morador de rua, dentre outras, foi um meio para refletir sobre as disputas de territórios existentes nesta praça.

Para as reflexões propostas, algumas obras foram essenciais, como os textos de Antonio A. Arantes, Déa Ribeiro Fenelon e Célia Rocha Calvo, no sentido de me orientar para pensar este espaço enquanto público, onde diversas categorias sociais se expressam na maneira de como vivem na cidade.

Arantes, em sua obra *Paisagens Paulistas: Transformações do espaço público*, aborda questões essenciais para discussão e entendimento do espaço da cidade, das formas que os sujeitos e não sujeitos delimitam seus territórios, abarcando um sentimento de pertencimento, de direito de uso, sendo este um espaço denominado enquanto público, no qual sujeitos de diferentes categorias sociais “convivem” cotidianamente. “A observação das atividades que ocorrem

num espaço delimitado, ao longo do tempo, permite acompanhar como se configuram as relações sociais, os conflitos, os jogos de poder e de violência".⁷

Além dos autores acima citados, busquei nos textos de Beatriz Sarlo embasamento teórico para pensar algumas questões vivenciadas na cidade, como os conflitos, as disputas existentes nesses espaços urbanos, decorrentes de interesses distintos dos habitantes da cidade.

Beatriz Sarlo traz uma discussão veemente sobre a violência na cidade, as disputas de interesses, os conflitos existentes nos espaços públicos, podendo ser percebidos nas paisagens urbanas.

"Com que tipo de atividade pode-se ocupar, legitimamente, um espaço público? Há quase quarenta anos, um chefe de polícia mandou suas tropas perseguirem casais que se beijavam nas praças. Ele achava que atitudes desse tipo conflitavam-se com ações que poderiam ser realizadas legitimamente nos, bancos e sobre o gramado".⁸

E hoje, quais são as atitudes, concepções, que os sujeitos sociais têm acerca deste espaço urbano? Quais os interesses permeiam o espaço público? Quais as formas dos sujeitos, habitantes da cidade, se legitimarem nestes lugares? Estes são alguns pontos a serem refletidos no decorrer deste trabalho.

Algumas obras, mesmo não sendo citadas no decorrer desta pesquisa, foram de suma importância para realização da mesma, para pensar e refletir o espaço da praça no modo de viver dos habitantes da cidade, por isso, estou convicta de que sem estas não conseguiria realizar este trabalho.

⁷ ARANTES, Antonio A. **Paisagens Paulistanas: Transformações do espaço público**. São Paulo: Editora da Unicamp, Imprensa Oficial, 2000. (p. 118).

⁸ SARLO, Beatriz. **Tempo Presente: Notas sobre a mudança de uma cultura**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio Ltda., 2005. (p. 70).

Capítulo I

Uma praça: diferentes usos e lembranças.

“Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam e hierarquizam ou, numa só palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações”.¹

Antonio A. Arantes.

Neste capítulo busco interpretar a Praça Nossa Senhora Aparecida enquanto espaço público, por ordenar-se nas relações de diferentes habitantes da cidade, com objetivos distintos. Procuo compreender por meio de algumas narrativas orais a diversidade de usos, de ocupações e apropriações sociais, que ali se estabelecem diariamente, na maneira como esses narradores se fazem sujeitos nesse espaço da cidade.

A Praça Nossa Senhora Aparecida, assim como o bairro em que está localizada – Bairro Nossa Senhora Aparecida, transformaram-se, ao longo do tempo histórico, em referenciais para muitos moradores desta região, compreendendo diferentes significados de acordo com suas experiências, vivências e convivências, traduzidas neste momento em suas narrativas orais, conforme suas lembranças, podendo ser compartilhadas ou não com outros sujeitos.

Estes agentes sociais que contribuíram/contribuem para delinear este espaço por meio de suas relações sociais, viabilizaram esta reflexão acerca da diversidade nas formas de usos, ocupações e apropriações que estes têm dessa

¹ ARANTES, Antonio A. **Paisagens Paulistanas: Transformações do espaço público**. São Paulo: Editora da Unicamp, Imprensa Oficial, 2000. (p. 106).

praça, enquanto espaço urbano, tendo sua imagem construída a partir das relações dos habitantes do bairro e usuários dessa praça.

Práticas distintas que serão refletidas no decorrer desta pesquisa, tendo como referência as memórias e histórias dos sujeitos sociais, habitantes do Bairro Nossa Senhora Aparecida, de acordo com os seus interesses, demonstrados por meio de suas narrativas, segundo suas lembranças selecionadas.

Minha busca por estas imagens foi referendada nas lembranças destes habitantes, em grande parte, no próprio Bairro Nossa Senhora Aparecida, um bairro antigo, localizado na região central da cidade, como descreve a Srta. Queila, que residiu neste bairro nos anos 90, quando chegou a esta cidade com sua família, imigrantes vindos do interior de Goiás, em busca de novas oportunidades de educação e trabalho.

“É um bairro que têm residências nobres, chiques e ao mesmo tempo têm casas históricas, porque o bairro ficou quase no centro da cidade. É, lá existe mercados que tem muitos anos, ainda há ruas que é de calçada. Mas pode falar que modernizaram o bairro com o decorrer do tempo, porque colocaram semáforos, reformaram a Paróquia. O bairro hoje têm tudo, têm lojas modernas, restaurante.(...) aqui tem muita gente que reside a muitos anos.

*O acesso ao bairro é muito fácil, pertinho do centro, se tiver no centro pode vir a pé, subindo na [Avenida] João Pinheiro ou [Avenida] Brasil”.*²

Essa mistura de antigo e moderno pode ser evidenciada nas ruas do Bairro Nossa Senhora Aparecida, conforme a percepção da Srta. Queila, que ao fazer referência a esta região traz para suas narrativas imagens do bairro em que habitou. Estas mudanças nas paisagens urbanas, observadas por esta ex-moradora, traduz as mudanças sociais, as formas de viver na cidade em diferentes épocas, permitindo-a distinguir estas *casas históricas* das demais residências construídas neste bairro.

² Queila Lamonier Costa, 24 anos, secretária, solteira. Entrevista realizada em 05 de dezembro de 2005.

Para a Srta. Queila, falar deste bairro é remeter-se a um passado cujas lembranças são de transição, do momento em que deixou a pequena cidade de Joviânia – GO, para habitar em Uberlândia – MG. Portanto, falar desta praça é também fazer referências ao bairro, traduzir sentimentos de como é viver nessa cidade, lembrar de suas descobertas a partir de suas relações estabelecidas neste novo espaço urbano.

“Era tudo muito diferente, muito grande, tudo agitado. Passava carro toda hora, coisa que eu num era acostumada. Tinha medo de ladrão, de ser assaltada, de andar na rua.(...)”

*Lá [em Joviânia] não tinha uma praça grande, bonita como essa, cheia de árvores e bancos, só tinha uma pracinha, onde a gente ia passeá”.*³

Ela ainda se recorda dos primeiros contatos com este espaço, quando e por quê passou a freqüentar esta praça, sua relação com os amigos, moradores do Bairro Nossa Senhora Aparecida que, provavelmente, já estavam habituados a freqüentarem este local.

*“Quando eu tinha catorze anos, quando a gente chegou [em Uberlândia] eu fui lá na Igreja Nossa Senhora Aparecida, achei muito bonita. Aí resolvi fazer minha matrícula lá no crisma. E lá eu conheci muita gente que morava na região e a praça acabou sendo um ponto de encontro dos amigos. Porque a gente sempre ligava um pro outro e encontrava na praça, (...) terminava a missa a gente ia na praça comê pipoca”.*⁴

A forma de se relacionar nesta cidade, neste bairro, foi passada à nova moradora, que apreendeu novas práticas sociais, na maneira de conviver com outros sujeitos, adquirindo assim, novos hábitos, conforme convivências com outros sujeitos sociais.

Para o Sr. José Horácio, um aposentado, morador do Bairro Nossa Senhora Aparecida, de acordo com suas lembranças, este é um bairro antigo nesta cidade.

³ Idem.

⁴ Ibidem.

*“Esse [Bairro] é antigo aqui, Operário⁵ é antigo. É dos mais antigo. Primeiro era o [Bairro] Patrimônio, depois veio o Martim [Bairro Martins], Osvaldo [Bairro Osvaldo Resende] e [Bairro] Operário. O Operário tem muitos anos”.*⁶

A origem dos bairros é contada pelo Sr. José Horácio conforme suas memórias, não havendo uma seqüência cronológica, marcada por datas, mas referenciada em suas lembranças, vinculadas a outros fatos ocorridos em sua vida pessoal.

Para tentar recordar-se de quando e como surgiu a Praça Nossa Senhora Aparecida, o Sr. José Horácio busca em suas lembranças acontecimentos que o leva a interligar os fatos, fazendo uma retrospectiva no intuito de precisar tal acontecimento. Diante disso, ele fica pensativo, se esforça, faz gestos, na ânsia de resgatar suas lembranças, e diz:

*“(...) Padre João que fez o meu casamento na Igreja, em quarenta e sete [1947], tinha aquele desensinho lá, aquela coisinha [referindo-se ao espaço da praça]. (...) tinha a Igrejinha e tinha a casa Paroquial dum lado. O Padre João fez o colégio no fundo da Igrejinha, (...). Saía no lado da [Avenida] Afonso Pena, era um colégio. E na frente, tinha o campo do operário, onde nós jogava bola. Nesse tempo já tinha a praça, era diferente, mais tinha”.*⁷

E assim, vai construindo suas narrativas, portanto não a faz de forma linear, e, se diz tudo, também não podemos saber, pois se trata de histórias de suas vivências, particulares ou coletivas, quando poucos personagens ainda restam para contá-las.

“Uma pessoa, se tivesse aí, que era bão pá te orientá tudo é o seu Conrado de Brito, ele morava bem em frentinha assim [em frente a praça].

⁵ O Bairro Operário teve seu nome mudado para Bairro Nossa Senhora Aparecida em agosto de 1945, devido a criação da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, de acordo com o **Decreto de Criação da Paróquia**, concedido por Dom Alexandre G. Amaral, Bispo da Diocese de Uberaba.

⁶ José Horácio Saramago. Entrevista realizada em 07 de maio de 2005. Falecido em 15 de junho de 2005.

⁷ Idem.

*Tinha o Antônio Lopes ali, que era vizinho ali, que era muito chegado, tinha meu pai, o Bernardo, tinha muita gente ali”.*⁸

Como também tinha o Sr. José Horácio, que tempos depois de ter concedido esta entrevista, ele faleceu, não havendo qualquer oportunidade para questionamentos complementares.

Por se tratar de um bairro fundado no início do século XIX⁹, nota-se a grande presença de imóveis antigos, pessoas idosas que construíram neste bairro suas residências há muitos anos. Alguns construíram suas casas logo após a fundação do bairro, conforme relata a Sra. Vanilda, moradora deste bairro desde 1954, quando veio para cidade na companhia dos pais e de dois irmãos. Portanto, ela tem muitas lembranças deste lugar.

*“Quando mudamos pa Uberlândia, eu, minha mãe, meu pai e meus irmãos viemo morar aqui nessa casa. Moro aqui nessa casa desde criança, nunca mais mudei. (...) Quando meu pai fez essa casa não tinha asfalto na rua, tudo era mato. As ruas eram de terra, achava tudo muito longe do centro. Isso aqui tudo era um cerrado”.*¹⁰

Um bairro que alguns anos atrás estava geograficamente separado do centro de Uberlândia, atualmente se mistura a este, devido ao crescimento urbano e desenvolvimento desta cidade. Pensar estas mudanças é perceber as ações humanas, relações sociais que definem esses espaços, territórios caracterizados pelos processos urbanos, conforme as expectativas e necessidades de seus habitantes.

Por ter sido fundado, inicialmente, para moradia de operários, o Bairro Nossa Senhora Aparecida não poderia estar muito próximo ao centro da cidade,

⁸ Ibidem.

⁹ Em 1923 o Sr. Armante Carneiro fundou em Uberlândia a Fábrica de tecidos Uberabinha, construindo para seus empregados um conjunto habitacional chamado Vila Operária, que deu origem ao Bairro Operário, posteriormente chamado Bairro Nossa Senhora Aparecida. SILVA, Antônio Pereira. **Os malogros do dr. Armante**. In: Jornal Correio de Uberlândia, 13 de julho de 2005.

¹⁰ Vanilda Carrijo, 61 anos, aposentada, solteira. Entrevista realizada em 07 de agosto de 2005.

lugar historicamente concebido aos sujeitos detentores de poder, diferente da classe operária. Frente a isso, este bairro foi construído num espaço distinto das fronteiras que delimitavam o centro da cidade, mantendo a classe pobre distante dessas áreas centrais. Mas, de acordo com Arantes¹¹, morar no centro hoje já não é privilégio dos ricos, pois estes têm preferido os luxuosos condomínios fechados, construídos nas periferias urbanas, enquanto os pobres vêm tomando conta da região central da cidade. Isso porque, morar longe representa maior custo de vida na cidade, dessa forma, a classe pobre se sentiu atraída pelas regiões centrais, ocupando-as, conforme suas possibilidades.

Mas vejamos como as concepções de distância variam, no decorrer do tempo histórico, pois o que era “longe” ficou “perto”, enquanto a Srta. Queila diz que o bairro Nossa Senhora Aparecida é “*pertinho do centro*”, a Sra. Vanilda diz que quando se mudou para o local achava-o “*muito longe do centro*”, no entanto a idéia de proximidade ao centro, atualmente, é comungada por ambas moradoras, visto que as dimensões que mensuram a distância deste bairro ao centro da cidade tomou outras proporções à partir do crescimento da cidade.

Para a Sra. Vanilda, foi possível perceber as mudanças ocorridas na região, com o passar dos anos, pois suas lembranças de infância, juventude e mesmo da vida adulta, a permite falar com intimidade daquilo que acompanhou bem de perto, as transformações ocorridas neste bairro, nesta cidade.

*“Antigamente parecia tudo longe da nossa casa, aqui não tinha nada, né? Tinha que ir no centro. Agora não, já tem de tudo e até o centro parece que ficou mais perto. Tem muito movimento nas rua, muita gente nas avenida, mudou tudo, antes as rua era tudo de terra”.*¹²

Pertencer a um grupo social que habitasse o centro da cidade era muito importante para os indivíduos, tinha um significado de *status*, estando a sociedade separada em níveis hierárquicos, sendo a região central reservada aos indivíduos

¹¹ ARANTES, Antonio A. **Paisagens Paulistanas: Transformações do espaço público**. São Paulo: Editora da Unicamp, Imprensa Oficial, 2000.

¹² Vanilda Carrijo. Entrevista realizada em 07 de agosto de 2005.

detentores de capital. Esta visão de “centro” já não é mais a mesma de alguns anos atrás, ainda existem sujeitos que têm esta concepção, no entanto, a maioria das pessoas que moravam no centro hoje “*pertencem mais aos bairros urbanos*”¹³, de acordo com Beatriz Sarlo.

Quando narrou suas lembranças sobre o Bairro Nossa Senhora Aparecida, o Sr. José Horácio, ressaltou que ele não nasceu neste bairro, mas no centro da cidade, como se, “ser” do centro da cidade, propiciasse outro significado em sua trajetória. Assim, ele disse “(...) *nasci lá na Quintino Bocaiúva, eu sô de centro da cidade. Não nasci aqui não, minha família morava no centro, depois que eu vim morar aqui nesse bairro*”.¹⁴

Estas fronteiras simbólicas, construídas nas sociedades, através das relações sociais de seus habitantes, delimitando lugares, definindo territórios, faz com que determinados grupos sociais sejam excluídos, marginalizados e postos fora das relações de convivência cotidiana. Estas fronteiras não são limitadas fisicamente, mas representadas através dos gestos da população que delimitam espaços de convivências, fazendo com que alguns sujeitos sejam suprimidos dos processos sociais, entendendo estes como não sujeitos na história.

Tais fronteiras podem entrecruzar-se, permeando um mesmo espaço, no qual classes antagônicas “convivem” diariamente, portanto não se misturam, permanecendo cada uma no seu próprio território.

Dentre várias entrevistas realizadas, uma, em especial, me chamou a atenção pela postura da entrevistada. Esta foi realizada com um casal, o Srs. Dalmo e Carmem, ele é alfaiate e ela é costureira, e trabalham em sua residência, onde me receberam. Um encontro promovido pela filha deles, uma amiga dos tempos em que residi no Bairro Nossa Senhora Aparecida. Este momento foi marcado pela preocupação da Sra. Carmem em contar-me algo “importante”, de acordo com sua concepção, alguma coisa que fizesse a diferença, não se vendo enquanto sujeito histórico, agente social, que participa e constrói cotidianamente

¹³ SARLO. Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: Intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. (p. 07 – 52).

¹⁴ José Horácio Saramago. Entrevista realizada em 07 de maio de 2005.

parte de nossa história. Frente a isso, ela queria contribuir com algo mais, alguma coisa diferente, não somente falando sobre suas próprias experiências, pois para ela a história é concebida por grandes personagens, feitos heróicos, não compreendendo, pois, meu interesse em sua história de vida, como se esta não fosse interessante. *“(...) a vida das pessoas era desse jeito, o pessoal vivia naquele setor ali, era assim, a missa, era andá na praça (...) não tinha nada de diferente não”*.¹⁵

Tal fato foi evidenciado nesta entrevista e noutra momento, quando me levou até o seu pai, o Sr. José Horácio, para que ele pudesse narrar suas lembranças, falar sobre suas experiências relacionadas àquela praça. Durante nossa conversa, por diversas vezes a Sra. Carmem se voltava ao pai com os seguintes questionamentos:

*“Pois é, teve algum acontecimento naquela praça? (...) Teve algum acontecimento ali diferente? Não, né? (...) Assim, nunca teve ali uma reunião de, mais importante ali que a turma, reunião ali na praça? Alguma reunião que o senhor participou, que era importante?”*¹⁶

Indagava-o insistentemente, como se pudesse aflorar-lhe alguma lembrança ainda não mencionada, como se o que ele relatasse fosse insuficiente, irrelevante para esta pesquisa. No entanto, o Sr. José Horácio, calmamente respondia que “não” e continuava seus relatos, de maneira serena e empolgada. O que para a Sra. Carmem não parecia tão importante, para ele era o máximo, contar histórias vividas naquele lugar, fatos de sua vida social expressados nas lembranças daquela praça, que conforme suas memórias selecionadas eram importantes e, nesse momento, sendo ouvidos com muita atenção e grande interesse.

O Sr. José Horácio falou sobre suas lembranças, referindo-se aos diferentes usos deste lugar, dos jogos de futebol com os amigos, do processo de construção

¹⁵ Carmem Heloísa Alves, 49 anos, costureira, casada. Entrevista realizada em 07 de maio de 2005.

¹⁶ Idem.

desta praça, do qual ele participou, das festas religiosas e outras experiências pessoais. Ele disse, repetidas vezes, que antes da construção da praça ele jogava bola com os amigos naquele local e que, posteriormente, ajudou a construir a praça, dentre outras vivências que tivera neste espaço.

Isso para ele era mais importante que qualquer outro acontecimento que pudesse ter ocorrido, pois traz-lhe um sentimento de pertencimento, como se aquele espaço também fosse “seu” ou “nosso”, dele e dos amigos daquela época. *“Era o nosso campo, o campo do operário. (...) A praça foi eu que construí, é foi. (...) O engenheiro era o Dr. Ervio, tempo do Afrânio que era prefeito”.*¹⁷

A afirmação constante na narrativa acima: *“foi eu que construí”*, ressalta, sobretudo, a intenção do narrador em se colocar enquanto agente social, um sujeito que além de presenciar este processo, também participou dele enquanto trabalhador, tendo este espaço uma representação ainda maior em sua memória, conforme suas lembranças narradas.

Para Janaína Amado¹⁸, o entrevistado humilde tenderá a enfatizar fatos em seus depoimentos, nos quais irá valorizar uma experiência que lhe dê reconhecimento. Talvez seja este o motivo deste narrador ressaltar sua participação neste processo de construção da praça, além de ser uma lembrança que apresenta grande significado para ele, inclusive no momento desta entrevista.

Ao falar sobre este feito, o Sr. José Horácio se limita a dizer *“fui eu”* não colocando os demais sujeitos históricos presentes em suas narrativas, não fazendo qualquer referência às suas identidades, exceto ao falar do engenheiro, responsável pela obra, e do prefeito, Sr. Afrânio Rodrigues da Cunha.

Durante este processo de investigação foi possível perceber que a praça está presente nas narrativas como algo que faz parte do cotidiano, da rotina dos moradores desta região, como sugere a moradora Sandra de Cássia, quando diz que a praça *sempre* fez parte de sua vida, das suas relações construídas e, muitas vezes, mantidas a partir de suas experiências naquele lugar. Nossos

¹⁷ José Horácio Saramago. Entrevista realizada em 07 de maio de 2005.

diálogos foram em sua residência e na praça, local que freqüenta com suas 03 filhas para brincar, principalmente, nos finais de semana.

A Sra. Sandra reside no Bairro Nossa Senhora Aparecida desde que nasceu, foi criada nestas mediações, portanto diz que esta praça sempre esteve presente em sua vida, principalmente por se localizar à frente do Santuário Nossa Senhora Aparecida.

“(...) e a praça sempre fez parte pelo seguinte, que sempre quando era o término da missa, ou qualquer outro trabalho que a gente fazia na Igreja, a gente no final vai pra recreação, então ali a gente conversa. Enquanto criança brincava e grandes recordações eram das festas também né, que aconteciam na Praça Nossa Senhora Aparecida.”¹⁹

Podemos perceber os múltiplos tipos de usos desta praça na trajetória desta moradora, que se faz desde sua infância até os dias de hoje.

“(...) ela faz parte da minha infância, ela faz parte da minha adolescência, porque além da Igreja, o que mais acontecia? É, a praça virou como se fosse um “point” na nossa juventude, então a gente terminava o crisma e iam todos pra praça e ali a gente conversava, brincava, contava piada e dali a gente combinava onde que ia passeá”.²⁰

As experiências da Sra. Sandra, nesta praça, estão diretamente ligadas as suas práticas religiosas, assim como as de muitas outras pessoas. Católica, freqüentadora do Santuário Nossa Senhora Aparecida²¹, fez desta praça um lugar de referência junto a sua religiosidade.

¹⁸ AMADO. Janaína. **A culpa nossa de cada dia: Ética e História Oral**. In: Ética e História Oral. São Paulo: Educ – Editora da PUC – SP, 1997.

¹⁹ Sandra de Cássia Peixoto, 30 anos, do lar, casada. Entrevista realizada em 04 de setembro de 2005.

²⁰ Idem.

²¹ A pequena Igrejinha, cuja data de fundação não foi possível localizar, tornou-se Paróquia em setembro de 1956 e Santuário em setembro de 2004, conforme documentos desta instituição religiosa.

*“(...) as minhas recordações da praça é principalmente porque a gente começou primeiro o batizado, fui batizada na Igreja, então quando há batizado a gente sempre vai pra praça tirá as foto prá guardá recordação, depois vem a primeira comunhão, tem o crisma né, que eu também participei de lá, grupo de jovens, perseverança e outros. (...) E dali nasceu um casamento né, meus filhos foram batizados lá. E eu creio que isso faz parte da vida da comunidade”.*²²

Para o Sr. José Horácio esta ligação entre praça e práticas religiosas também foi evidenciada através de suas narrativas. Neste depoimento ele fala sobre as festas religiosas, que passaram a ocupar o espaço da praça, nas quais sua esposa Luzia participava, já que era membro da congregação.

*“(...) ali tinha era leilão direto, festera. É, ali era movimentado. Tinha festa, a Luzia memo tinha a fitinha vermeia, fazia parte da congregação. Era escolhido aquelas pessoa pá festero, cada quar qué apresentá melhor. Todo ano tinha festa lá na praça”.*²³

A praça enquanto um espaço plural comporta diferentes sujeitos sociais que buscam atender suas necessidades, sejam essas respaldadas no lazer, no trabalho, na falta de moradia, ou apenas num momento de passagem, conforme pude apreender nesse período de investigação, busca de informações e entrevistas realizadas.

As relações desses sujeitos, em suas experiências urbanas, são refletidas neste espaço, assim como definem sua paisagem, sendo caracterizada pelos diferentes usos e usuários, homens, mulheres, crianças, de diversas idades e classes sociais.

De acordo com Déa R. Fenelon *“(...) são as relações sociais desenvolvidas na cidade que, em última análise acabam por definir e delinear a paisagem urbana, a imagem da cidade”.*²⁴

²² Sandra de Cássia Peixoto. Entrevista realizada em 04 de setembro de 2005.

²³ José Horácio Saramago. Entrevista realizada em 07 de maio de 2005.

²⁴ FENELON, Dea R. **Cidades 1: Pesquisa em História**. São Paulo. Programas de Estudos Pós-Graduados em História, PUC_SP: Ed. Olho D'água, nov./1999. (p. 06).

Frente a isso, entendo que as práticas desses sujeitos formatam esta paisagem urbana, construindo imagens de acordo com suas práticas sociais num determinado período histórico, suas fronteiras materiais e simbólicas, quando de alguma maneira usam, ocupam e se apropriam deste lugar.

Para a Sra. Vanilda a construção da Praça Nossa Senhora Aparecida teve um significado de valorização para o bairro, além de beneficiar os religiosos, freqüentadores do Santuário Nossa Senhora Aparecida.

*“Depois que fez a Praça melhorou bastante, o bairro ficou mais valorizado. E quando ela foi inaugurada, tinha fonte luminosa que funcionava, era muito freqüentada, os fiéis ao sair da missa passeavam. O povo sentava para bater papo, nas épocas de festas tinha muito mais espaço”.*²⁵

Mas as atribuições dadas a este espaço, por esta moradora, perpassa o significado material enquanto um espaço urbano, pois em suas lembranças há uma atribuição ao sentido simbólico, representado pela apropriação dos freqüentadores do Santuário, existindo um sentimento de pertencimento, de direito, como se esta praça tivesse sido feita para eles. Tal significado pode ser observado quando ela traz em suas narrativas o que representou a construção desta praça para ela e outros religiosos.

Depois da “construção” da Praça Nossa Senhora Aparecida, criou-se uma nova paisagem urbana naquele bairro, através dos novos hábitos adquiridos por seus habitantes, nesse contexto histórico. A partir deste momento os sujeitos foram criando, através de suas relações sociais, esta nova imagem, conforme suas formas de usos e proveitos desta praça.

Esta praça é um lugar que faz parte da história de muitas pessoas, de lembranças particulares e coletivas, de acontecimentos bons e ruins, de

²⁵ Vanilda Carrijo. Entrevista realizada em 07 de agosto de 2005.

momentos que o tempo não apagou, pelo menos na memória de muitos, foi o que pude constatar ao entrevistar a Sra. Sandra.

*“(...) ela [a Praça Nossa Senhora Aparecida] faz parte da minha vida, porque além de eu ter passado a minha infância e adolescência lá, durante a minha juventude aconteceu vários fatos, assim pessoais (...) no término da missa a gente ia pra praça conversá, porque a praça pra gente não era simplesmente um local, era realmente um point onde você ia pô a conversa em dia, então ali acontecia muita coisa”.*²⁶

Foi possível perceber que para ela, a praça tem um grande significado, pois diferentes fases de sua vida se deram naquele meio, e por freqüentar aquele espaço com assiduidade, têm grandes recordações de suas vivências na praça, apesar de que, hoje não vai até lá com a mesma freqüência, visto que considera as mudanças ocorridas neste ambiente um dos fatores que a afastou.

*“(...) e nos anos anteriores ela [a praça] era um pouco mais bem cuidada né, lógico. Mais limpa, hoje com a atual circunstância a gente vê, porque eu não tenho lembrança de vê mendigos que freqüentava e não morava lá na praça. Hoje não, hoje tem muitos, então além de tornar um lugar perigoso, que as pessoas tinham a, todo mundo saía de suas casas, até mesmo gente que morava na região e iam pra praça, um dia de verão, um dia de calor todo mundo ia pra lá. Era um local que cê ia descansá, hoje já não pode ser assim”.*²⁷

O que a Sra. Sandra teve em sua infância, é repassada às filhas, ainda crianças, elas têm a praça enquanto parte de suas experiências, porém com menor intensidade se comparadas as da mãe.

*“E, depois de muito tempo, aqueles que casaram, tiveram filhos, levavam suas crianças para brincar na praça, num dia qualquer né. Porque é um lugar de bom ambiente, ambiente saudável, então a gente levava, muita gente levava as crianças pra brincá também”.*²⁸

²⁶ Sandra de Cássia Peixoto. Entrevista realizada em 04 de setembro de 2005.

²⁷ Idem.

Diferentes sujeitos, diferentes interesses, cada um de acordo com sua realidade social, contribuindo à sua maneira, enquanto agentes históricos, para construção e definição de um espaço comum.

Para Dea R. Fenelon:

“A cidade é memória organizada e construção convencional, natureza e cultura, público e privado, passado e futuro. Marcas deixadas ou impressas por moradores no decorrer do tempo histórico.

*A cidade é um lugar da pluralidade e da diferença, indo além da simples manipulação do poder”.*²⁹

Enquanto uns participam desta construção através de suas práticas sociais, formas de ocupações no dia-a-dia , contribuindo para delineamento deste espaço, outros sujeitos diretamente fizeram parte da história da construção desta praça, e trabalhar para a concretização de um projeto que daria forma a Praça Nossa Senhora Aparecida é motivo de muito orgulho para o Sr. José Horácio. Ele que exerceu a profissão de pedreiro ajudou na construção desta praça, e logo que iniciamos nossa conversa, ele fez questão de me falar sobre sua participação neste processo.

*“A praça foi eu que construí. É, foi. O engenheiro era o Dr. Ervio, tempo do Afrânio que era prefeito. Antes tinha só a Igrejinha e tinha a casa Paroquial, depois fez a praça. Daí a gente cimentou tudo, plantô árvore, colocô banco”.*³⁰

A construção que o narrador se refere é pavimentação e ajardinamento do espaço destinado a praça, tal fato se deu em 1957³¹, pois antes este espaço era de terra, utilizado pelos moradores da região como campo de futebol, onde o Sr.

²⁸ Ibidem.

²⁹ FENELON, Dea R. **Cidades 1: Pesquisa em História**. São Paulo. Programas de Estudos Pós-Graduados em História, PUC_SP: Ed. Olho D'água, nov./1999. (p. 07).

³⁰ José Horácio Saramago. Entrevista realizada em 07 de maio de 2005.

³¹ Conforme projeto Lei 909, da Câmara de Vereadores de Uberlândia, que aprovou em 16 de outubro de 1957 a liberação de Cr\$ 600.000,00 para realização das obras de ajardinamento da Praça Nossa Senhora Aparecida.

José Horácio, juntos aos amigos, jogava bola. *“Era o nosso campo, campo do operário. (...) É, nós batia bola ali o dia inteiro, dia de domingo”*.³²

O Sr. José Horácio que freqüentou a praça por muitos anos, inclusive em sua juventude, contou-me histórias sobre este lugar, o descreveu com muito carinho, como se o fato de fazer estes relatos o remetesse a um passado gratificante.

“Era um lugarzinho, o povo dali gostava de tá junto, contano história, ia lá vê uma reza, que primero chamava de reza, hoje é missa né. Então tinha reza ali. E era chão nessa época do campo, era tudo chão ali, tudo chão ali. Tudo de chão, [Avenida] Afonso Pena tudo de chão”.³³

O “lugarzinho” relatado pelo Sr. José Horácio, incutido em suas lembranças de juventude, expressa sua aproximação com este ambiente, já não freqüentado em seus anos de velhice. Nesse lugar o narrador teve algumas experiências no campo afetivo, sabendo que a praça também foi cenário de muitos romances. Os anos o fez perder as datas, mas não lhe tirou as lembranças dos momentos ali vividos, das suas experiências naquele lugar.

“Eu ia pá casa da namorada, primero eu levava a Luzia³⁴ e largava ela lá, porque ela era minha prima, nós era só primo. Eu levava a mulher, naquela época ela trabalhava na barraquinha e tudo, naqueles leilão, e eu ia lá pá casa da namorada, quando dava aquela hora mais ou meno, eu vinha e pegava ela [referindo-se a Luzia]”.³⁵

Assim, fui em busca daqueles que freqüentaram a Praça Nossa Senhora Aparecida, porém não o fazem mais, mas que de alguma forma contribuíram para com sua história, deixando suas marcas e somando suas experiências. A Sra. Carmem, filha do Sr. José Horácio, passou sua infância e juventude naquelas

³² José Horácio Saramago. Entrevista realizada em 07 de maio de 2005.

³³ Idem.

³⁴ A Luzia citada em seus depoimentos, sua prima, tornou-se sua esposa, mãe de seus 03 filhos.

³⁵ José Horácio Saramago. Entrevista realizada em 07 de maio de 2005.

mediações, por muitos anos a praça era uma das únicas atrações do bairro, onde seu pai a levava para brincar.

*“Ah , quando eu era criança isso né, aí depois de adulto já era, cê ia na missa depois cê ia na praça. Mais o pai cansô, quando era menino, levá a gente pá praça ali, pá gente brincá ali em volta, comê pipoca, o povo de primero era pipoca, algodão doce, era...
(...) saia da missa, cê ficava na porta da Igreja lá, conversando, batendo papo e tudo. Vimo banda de música é o que mais tinha esses lugar lá, aí o povo ia comê pipoca, algodão doce, esse era o passeio do, naquela época da gente era isso, na praça”.*³⁶

O hábito de comer pipoca, algodão doce, adquiridos na infância perpassou pelos anos, fez parte da juventude desta moradora, no entanto, ela não vai a praça para passear, apenas passa por lá quando esta faz parte de seu caminho. É interessante perceber que para muitos o hábito de freqüentar a praça foi perdido com o passar dos anos, em decorrência do crescimento urbano, freqüentar a praça faz parte do cotidiano de um número reduzido de habitantes deste bairro. Ainda assim, a moradora acompanha as mudanças neste local.

*“Hoje é ponto de jogo. (...) hoje na praça ali Nossa Senhora Aparecida é o ponto de encontro dos aposentados. (...) Dama, êze joga dama, joga truco, ali é, na parte da tarde ali cê, fica aqueles véio tudo lá embaixo das árvores, mas né porque são velhos não, porque são de idade”.*³⁷

É grande o número de pessoas idosas presentes na praça. Em sua maioria, homens, aposentados, que buscam neste local alguns momentos de lazer, jogando baralhos e damas, divertem-se, diariamente. Esta rotina, na vida destes moradores, se repete todos os dias da semana, atraindo muitos indivíduos daquela região.

É difícil falar com alguém sobre a Praça Nossa Senhora Aparecida que não se refira a estes “jogadores”, pois já fazem parte deste cenário, assim como este

³⁶ Carmem Heloísa Alves. Entrevista realizada em 07 de maio de 2005.

³⁷ Idem.

local faz parte da vida cotidiana destes sujeitos. Nas narrativas dos entrevistados, sempre há referência aos senhores aposentados que fazem da praça um espaço destinado ao lazer, onde se divertem com os amigos. Por este espaço aparentar ser um lugar tranqüilo, um ambiente prazeroso, o Sr. Dalmo tece o seguinte comentário:

*“Hoje é ponto de jogo [referindo-se a Praça Nossa Senhora Aparecida]. Daqui trinta ano eu vô fazê parte de lá (...) vou me divertir. Todo dia que a gente passa lá tem um tanto de aposentado jogando, ficam lá o dia inteiro”.*³⁸

Em conversa informal com a Sra. Maria Pereira³⁹, soube que seu esposo, o Sr. Pereira, passa a maior parte de seu tempo, quando estão em Uberlândia, na praça, jogando com os amigos. De acordo com a Sra. Maria, “o Pereira se levanta vai para a praça jogar, volta, almoça e vai logo em seguida jogar novamente, permanecendo no local até o entardecer”. Acompanhada da Sra. Maria, fui até a praça conhecer o Sr. Pereira⁴⁰, e ver de perto sua rotina com os amigos, portanto não conversamos muito, já que este participava de uma partida de truco. Mesmo assim, foi possível perceber a satisfação dele por estar junto aos amigos, compartilhando bons momentos.

Há quem tenha muitas histórias ocorridas neste local, como a de um namoro e logo depois, um casamento. De acordo com a Sra. Sandra, tudo começou na praça, entre amigos.

*“Então, grandes histórias surgiram dessa praça, porque ali a gente via o namoro começando, muita gente casô com aqueles namorados daquela época, muitos amigos se tornaram amigos para sempre, que são amigos até hoje, mesmo depois de casados e tudo começou ali. (...) Aquilo ali faz parte, como se fosse um pedaço de sua casa”.*⁴¹

³⁸ Dalmo Alves, 50 anos, alfaiate, casado. Entrevista realizada em 07 de maio de 2005.

³⁹ A Sra. Maria Pereira é natural de Brasília – DF, onde reside com o seu esposo (Sr. Pereira) e vem a Uberlândia – MG periodicamente visitar familiares.

⁴⁰ O Sr. Pereira tem 69 anos e é aposentado. Ele passa um período do ano em Uberlândia – MG, sua cidade natal.

⁴¹ Sandra de Cássia Peixoto. Entrevista realizada em 04 de setembro de 2005.

Para outros o significado de suas vivências, convivências e experiências na praça, pode ser menor, no entanto, todas essas relações sociais construídas neste local compõem um cenário urbano, no qual são expressas características de uma determinada sociedade no tempo e espaço.

Enquanto trabalhador, o Sr. José Horácio contribuiu para com o projeto que deu forma à praça Nossa Senhora Aparecida.

*“Lá foi interessante, aquela praça. Quando eu fui fazê ela pró Doutô Érvio, ele deu a pranta, olhei a pranta, treis metro de passeio. Hum, tudo treis metro! Aí marquei, ele falô: não sá, cê põe dois e quarenta que isso aqui vai carçadinha portuguesa. Falei: Mais aqui pede prá. Ele: Não, não, não, vamo marcá. Aí centano os tijolo tudo, tava cimentano os cantero, tudo certinho. O que tinha entrado em concorrência com ele foi lá, troxe o [Prefeito] Afrânio e mandô embargá. Aí embargo”.*⁴²

Esta experiência profissional ficou marcada na memória do Sr. José Horácio, pois ao falar sobre este fato mostrou-se enquanto agente social, que através de suas ações contribuiu para que mudanças em sua comunidade fossem feitas. Ao narrar estes acontecimentos, que fizeram parte de sua trajetória pessoal, no entanto compartilhada com outros indivíduos, para ele foi a maneira de legitimar tudo aquilo que trazia em suas narrativas, portanto, enfatizava alguns detalhes e nomes de pessoas que poderiam validar sua participação e presença em tais fatos históricos.

Durante este processo de construção, no momento em que houve a determinação de que a “praça” deveria ser desmanchada para as devidas correções, conforme a planta, o Sr. José Horácio se viu diante de uma situação delicada, portanto não se rendeu às exigências do prefeito sem saber a opinião de seu patrão, reivindicando ainda seus direitos enquanto trabalhador, questionando sobre o pagamento de seu salário.

⁴² José Horácio Saramago. Entrevista realizada em 07 de maio de 2005.

*“(...) Eu falei: Não, eu não paro não, quem é que vai me pagá meu dia?
Aí o Afrânio: Sabe quem tá falano? Falei: Eu sei bem, o senhor é o perfeito,
mas meu patrão é o Érvio.
Aí o Érvio logo, assim que ele chegô, eu falei pra ele, ele falô: Não. Foi lá
embaxo e vortô, falô assim: Ah não, ranca tudo, vamo fazê da largura que
ele precisa. Aí desmanchamo tudo. (...) pá desmanchá rancamo o tijolo
tudo, pá remarcá ela”.*⁴³

Mas no final deste processo, o Sr. José Horácio e seus dois colegas ganharam de seu patrão os tijolos inutilizados nesta obra, o que para ele foi significativo, sabendo que, com estes tijolos foi possível construir uma casa, o que também simbolizou uma recompensa pelo acontecimento.

*“Eu peguei, ele me deu o tijolo que nós tinha assentado de cimento,
era treis, eu, cimentadinho, eu fiz aquela casinha na Rua Monte Alegre⁴⁴,
caquele tijolo. Depois eu aluguei ela e tá alugada até hoje. Nós dividimo os
tijolo e deu muito, porque nós já tinha assentado muito tijolo lá”.*⁴⁵

A construção desta praça no Bairro Nossa Senhora Aparecida foi motivo de muita satisfação para aqueles moradores, conforme a Sra. Vanilda, antes existia apenas *“uma Igrejinha, com a casa Paroquial, e ao lado eram residências familiares, do lado direito e do lado esquerdo. Na frente era um campo de futebol de terra, não tinha grama, nem árvore, era um campo de terra”.*⁴⁶

O espaço da praça não se restringe ao lazer, pois podemos encontrar pessoas que ali estão em decorrência de sua atividade profissional, é o caso do Sr. Waltercides, taxista há onze anos na Praça Nossa Senhora Aparecida, acompanha cotidianamente a rotina do local. Conversamos ali mesmo, no ponto de táxi, entre um passageiro e outro, quando acompanhei um pouquinho da rotina destes trabalhadores, presentes na praça todos os dias da semana.

⁴³ Idem.

⁴⁴ A Rua Monte Alegre está localizada no Bairro Nossa Senhora Aparecida, Uberlândia – MG.

⁴⁵ José Horácio Saramago. Entrevista realizada em 07 de maio de 2005.

*“Tô aqui todos os dias, junto com meus companheiro e o pessoal da praça. Fiz muitos amigos aqui. Uns vem só pá conversá outros vem jogá. Eu num jogo, mas outros taxistas ficam jogando nas hora de folga. Eu gosto só de ver, de conversar, não gosto de jogo”.*⁴⁷

E por permanecer grande parte de seu tempo no ponto de táxi⁴⁸, o Sr. Waltercides já conhece bem este espaço, as pessoas e demais movimentos no local, pois ele pertence às relações sociais construídas nessa praça como um espaço público, convivendo diariamente com outros sujeitos, com os quais possui vínculos diretos ou não.

Este taxista divide com outros sete colegas o espaço do ponto de táxi, trabalhando algumas vezes durante o dia, outras à noite, o que o permite falar sobre o local com segurança, pois já conhece a rotina das pessoas que, de alguma maneira, utilizam a praça. *“Depois da meia noite o frevo é mais do pessoal do lanchinho, só quando tem missa de formatura dá um movimentinho, depois acaba tudo, fica só mendigo”.*⁴⁹

O Sr. Waltercides, por ser uma pessoa bastante comunicativa, já conquistou a amizade de muitos outros indivíduos que também freqüentam a praça, pois está sempre rodeado de amigos e companheiros de trabalho, onde conversam e discutem no dia-a-dia os mais variados assuntos, pois sua permanência neste espaço, seu local de trabalho, ultrapassa o tempo dispensado a sua vida particular, em sua residência, na companhia da família.

*“Tens uns [amigos/colegas] que vem aqui só pra conversá, eu conheço muita gente, tem onze anos que trabalho aqui na praça. Enquanto não tem passageiro a gente fica aqui conversano. (...) Passo mais tempo aqui do que lá em casa, já costumei com essa vida”.*⁵⁰

⁴⁶ Vanilda Carrijo. Entrevista realizada em 07 de agosto de 2005.

⁴⁷ Waltercides José Bastos, 60 anos, taxista, casado. Entrevista realizada em 03 de julho de 2005.

⁴⁸ O ponto de táxi está localizado na Praça Nossa Senhora Aparecida, do lado Av. João Pinheiro.

⁴⁹ Waltercides José Bastos. Entrevista realizada em 03 de julho de 2005.

⁵⁰ Idem.

Dessa forma, relações são constituídas neste espaço público, no qual diferentes sujeitos expressam suas maneiras de viver, trabalhar, descansar, se relacionar com outros sujeitos, como o Sr. Waltercides e todos aqueles que freqüentam esta praça.

E assim, como este trabalhador, existem outros, porém em menor escala, que passam grande parte do tempo na praça, pois além dos taxistas, têm vendedores de picolé, pipoca, algodão doce, dentre outros.

Foi possível perceber que apesar da praça ser “*um lugar por onde muitos passam mas ninguém permanece*”⁵¹, encontramos sujeitos que ali ficam por um tempo maior, mesmo não se tratando de um período de permanência, considerando que estão de passagem, em busca de oportunidades, como é o caso do Sr. José Cláudio, um sujeito que entrevistei no momento de uma visita à praça.

Um imigrante vindo do Estado do Piauí, nascido na cidade de Eliseu Martins, que a cerca de 05 anos permanece nas mediações de Uberlândia. Sem emprego fixo, desprovido financeiramente, não tem lugar para morar, por isso, sempre que necessário, passa seus dias na Praça Nossa Senhora Aparecida.

“Sô do Piauí, tô movimentano aqui na região, que eu apanho café, sabe? Panho café, aí cabô o serviço agora tô na rua aí, porque eu saí eu tinha doze ano de idade, quando eu saí de casa, quando meu pai me expulsô de casa.

*Aí eu saí no mundo, com doze ano que eu saí, nunca mais voltei e nem dei notícia. Hoje eu tô com vinte nove ano. Só aqui em Uberlândia tem cinco anos, já fui em Brasília, Goiás, já vivi em muitos lugares”*⁵²

O fato de ter sido expulso de casa pelo pai, quando ainda era criança, fez com que este sujeito buscasse um novo meio para sobreviver. Longe da família, de sua terra natal, foi em Uberlândia que ele se refugiou nos últimos anos. Ainda jovem, com 29 anos de idade, o Sr. José Cláudio tem uma bagagem de vida muito

⁵¹ ARANTES, Antonio A. **Paisagens Paulistanas: Transformações do espaço público**. São Paulo: Editora da Unicamp, Imprensa Oficial, 2000.

⁵² José Cláudio Gonçalves Teodoro, 29 anos, desempregado, solteiro. Entrevista realizada em 03 de setembro de 2005.

complexa, composta por aventuras e sofrimentos. Em sua entrevista, este sujeito se mostrou enquanto um “conhecer do mundo”, devido as suas vivências em diferentes lugares, com diferentes culturas e diferentes profissões aprendidas ao longo de sua vida.

*“O Brasil eu conheço quase tudo, (...). Eu tava ali num sítio, perto de Indianópolis. Pois é, no trevo de Indianópolis ali, tem um monte de sítio prá lá, sabe lá no Campo Alegre? Lá tem quadra de futebol, tem postinho. Vai na quadra, vai no barzinho, no postinho, eles fazem, lá num paga nada, só chega e já faz a ficha, lá abtura dente, esse dente aqui eu abturei lá”.*⁵³

Receber o mínimo necessário para sua sobrevivência, enquanto trabalhador na colheita de café, num sítio em Campo Alegre – MG, é muito significativo para este narrador, principalmente porque no momento de nossa entrevista, este se encontrava numa situação de muita miséria, não tendo nem o que comer. Assim, poder jogar bola, ir a um barzinho, receber assistências médicas e odontológica, além de ter moradia e alimento, traz para este sujeito um sentido de ser “gente”, ser tratado como “gente”. Sabemos que as condições oferecidas a estes trabalhadores não são extraordinárias, mas para ele representa algo que não está habituado a ter, tendo então um significado ainda maior, como se isso lhe propiciasse um sentimento de ser reconhecido no meio social.

Em suas narrativas, o Sr. José Cláudio não se apresentou enquanto um desocupado, mas como um trabalhador que busca uma colocação no mercado de trabalho e um lugar para morar, como qualquer cidadão comum.

“Eu não tenho lugar de morá não, eu moro no mundo. (...) eu trabaio de padeiro, de trator de esteira, faço de tudo. Trabaio de colhedeira de café, eu trabaio de colhedeira. (...)”

Acabou a colheita acabou o serviço, agora tô vendo se arrumo uma passage na Assistência Social pra eu í pô Mato Grosso, porque lá tem muito serviço né, de moto serra, eu trabaio de moto serra. (...) mas vigiano carro eu comecei onte. Porque eu trabaio com vendas, aqueles cadete, não sei se a senhora viu? Aquelas cadêra que tem aqueles pezinho assim, tem

⁵³ Idem.

*aqueles gancho de pendurá roupa, bolsa. Trabaiava vendeno aquilo (...), aí onte eu comecei a trabaia aqui”.*⁵⁴

Este sujeito fez questão de falar sobre suas várias qualificações profissionais, a fim de reafirmar a impressão que ele gostaria de me passar, de um cidadão que busca alternativas para sua própria sobrevivência e que só está naquele lugar por falta de oportunidade.

Enquanto muitos aproveitam o espaço da praça para se divertirem, o Sr. José Cláudio busca uma oportunidade, um meio para garantir seu sustento até que encontre um novo trabalho. A situação deste morador de rua é compartilhada com outros sujeitos que não tendo onde fixarem suas residências, por motivos individuais, porém resumidos no aspecto financeiro de cada um, fazem da praça um lugar de estadia. Lugar que compartilham suas vivências e experiências, que buscam, muitas vezes, juntos um meio para sobreviverem, devido a situação comum entre eles, de marginalização e exclusão social.

*“Tem mais um casal ali tamém, agora aqueles ôto chegô hoje aí, mais aquele casal, tem um homi e uma mulhé,tem muitos (...) Sai uns chega ôtos e vai ino assim, tá todo mundo junto. A gente fica ali tudo junto, já conhece um o otro”.*⁵⁵

É interessante a forma com que o Sr. José Cláudio se refere ao espaço da praça, um espaço de pertencimento coletivo, no qual ele também pode usufruir livremente, de acordo com suas necessidades, assim como os demais indivíduos. Para ele, todo “cidadão” tem o direito de morar e permanecer nestes espaços públicos, sem discriminação. Conforme suas narrativas, recentemente quando ele foi abordado por policiais, no centro da cidade, estando instalado na Praça Nossa Senhora Aparecida não abdicou de seu direito de permanência neste local.

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ José Cláudio Gonçalves Teodoro. Entrevista realizada em 03 de setembro de 2005.

“(...) ôto dia foi as poliça que parô ali e falô: “Onde é que cê mora?” E mandô eu encostá a mão na parede e eu encostei. “Onde é que cê mora?” Disse: “Rapaiz eu moro é na rua”. Ele disse: “Ah então não quero que você fica aqui, cê vaza daqui”. Eu disse: “Rapaiz eu sô brasileiro, puxa minha ficha aí, tá aqui eu num tem documento não, mas tá aqui o termo de ocorrência, tá contando tudo meus documento aqui. Puxa minha ficha aí e vê se eu tô deveno em algum lugar. Agora o cidadão pode viver em qualquer lugar do Brasil rapaiz”, falei prá ele. Ele: “Não, não, cê vai vazá daqui”. O ôto policial, o policialzinho falô: “Ó baianinho, é mió ocê vazá daqui, porque senão ele vai te batê”. Eu disse: “Pois é, eu tô indo lá pá praça, a minha bolsa, o meu galo⁵⁶ tá lá. Eu vô lá pegá meu galo lá, pegá não, eu vô lá”.⁵⁷

Então, esse sujeito se identifica não como um morador de rua, um não cidadão, mas como um cidadão brasileiro, que têm direitos e exige respeito. E, de acordo com sua história, ele voltou e permaneceu na praça, onde realizamos esta entrevista. O tempo que ficaria ali se estenderia por mais dois dias, quando iria solicitar a Assistência Social um benefício para chegar até o Estado do Mato Grosso, para procurar trabalho.

“(...) até segunda-feira né, pá í na assistência social pegá um passe pá eu í pô Mato Grosso, né. (...) Mas não dão direto não, dão só cem quilometro, aí chega lá arruma outro albergue, vai de apé. A gente dá um jeito, porque num tem otro jeito não”.⁵⁸

Outro fator que favorece a estadia dos moradores de rua na praça, é que o albergue local não oferece abrigo que ultrapasse três dias⁵⁹, apesar de oferecer refeições por tempo indeterminado. Então, não tendo onde se instalarem, estes moradores de rua buscam neste espaço um lugar que possam ficar. Nesse contexto percebemos que as políticas sociais são falhas no sentido de não garantir o mínimo necessário ao indivíduo, como moradia, alimentação e trabalho. Essa deficiência nas políticas sociais reforça a situação destes indivíduos nas

⁵⁶ O termo “galo” se refere aos pertences pessoais, segundo informações do próprio narrador, o Sr. José Cláudio.

⁵⁷ José Cláudio Gonçalves Teodoro. Entrevista realizada em 03 de setembro de 2005.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ De acordo com o Sr. José Cláudio, o tempo de permanência no Albergue Ramatiz pode ser até 03 dias.

idades, acirrando cada vez mais as desigualdades sociais, quando estes moradores de ruas são concebidos enquanto não cidadãos, sem direitos, deslocados na sociedade.

O Sr. José Cláudio, por buscado abrigo e alimentação no Albergue Ramatiz noutras oportunidades, diz:

“Só prá quem tá de passagem, pode dormi treis dia, agora cumê, se quisé í comê todo dia lá, pode í, pode í comê todo dia. O albergue dá comida todo dia, de veiz em quando eu vô lá come, quando não arrumo mais nada, eu vô lá”.⁶⁰

Conceber o espaço da praça enquanto público e de direito de todos já é motivo para que este morador, assim como outros, permaneça no local, portanto, além disso, tem outro fator que atrai estes moradores de rua, que é a existência do Santuário Nossa Senhora Aparecida⁶¹. O templo religioso freqüentado por inúmeros fiéis, se tornou ponto de mendicância, ao associar a fé a solidariedade, estes sujeitos pedem constantemente a ajuda dos freqüentadores do templo para sua sobrevivência, conseguindo pelo menos algum dinheiro para comprarem comida.

A maneira mais utilizada e até mesmo concorrida entre estes sujeitos, moradores de rua, é “vigiar” os veículos em troca de algumas moedas. Era o que estava fazendo o Sr. José Cláudio no momento em que o abordei para nossa conversa. Diante disso, ele me contou que dividia tal tarefa com outros sujeitos e falou sobre a existência de concorrência no local.

“Tem uns que trabaia também ali naquela coisa [apontando para Av. João Pinheiro], tem casamento né, fica com os carro daquele lado ali, aí os carro encosta lá.

Agora aqui já tem um ponto dos cara vigiá, sabe? Um homi, um casal, um homi e uma muié, um vigia aqui, o outro vigia ali. Aí durante o dia, quando eles num tão aqui, o outro vigia ali... Aí durante o dia, quando eles num tão aqui, aí a gente vigia pa vê se arruma alguma coisa, né. Tem

⁶⁰ José Cláudio Gonçalves Teodoro. Entrevista realizada em 03 de setembro de 2005.

vez que eles fica de dia também, mais cedo eles tavam aqui, agora num tá, eu tô pegano uns carro aí pa oiá, pa arrumá alguma coisa".⁶²

A permanência destes sujeitos na praça é motivo de resistência de outros usuários, que discordam da presença destes moradores de rua, conforme relatou a Sra. Vanilda.

"Esses andarilhos não pode ficar aí não, aí não é lugar de ficar. Tem que ter outro canto, ninguém gosta de ver esse tanto de mendigo por aí, o povo fica com medo. Não tem nem jeito de passear mais na praça, porque os mendigo passou a morar nela".⁶³

O receio, o medo sentido pelos sujeitos que se consideram socialmente incluídos, frente a estes moradores de rua não é restrito a Sra. Vanilda, mas grande parcela dos entrevistados e moradores que teve contato, inclusive de maneira informal, contestam a presença dos moradores de rua, rotulando-os enquanto baderneiros e perigosos.

A opinião dessa moradora é comungada pelo taxista, Sr. Waltercides, pois segundo ele *"A noite tem bagunça dos mendigo, eles custa esperá o sol escondê pra começá a bagunça"*.⁶⁴

Existem ainda aqueles sujeitos, anônimos a esta pesquisa, que cotidianamente transitam pela praça, rapidamente, fazendo desta apenas um caminho, um ponto de passagem. O fluxo destes indivíduos é muito maior nos períodos de celebrações no Santuário Nossa Senhora Aparecida, no início e término destas, a praça fica cheia de gente, porém logo se esvazia, tornando um lugar "pacato". Tal fato pode ser associado a questão religiosa, aos valores morais, de fé, fiéis que vêm e vão, constantemente, porém não tem como objetivo aproveitarem deste espaço, mas freqüentarem o Santuário.

⁶² Idem.

⁶³ Vanilda Carrijo. Entrevista realizada em 07 de agosto de 2005.

⁶⁴ Waltercides José Bastos. Entrevista realizada em 03 de julho de 2005.

As dimensões de proveito são complexas, diversificadas, mesmo quando se trata de uma mesma classe social, como a dos trabalhadores. Enquanto uns vêm a Praça Nossa Senhora Aparecida como um espaço de trabalho, outros a caracterizam como local de lazer, de descansar nas horas de folga, e há aqueles que apenas passam, também contribuindo para composição deste espaço, de sua história e daqueles que ali estão.

No próximo capítulo irei analisar as desigualdades existentes neste espaço público, enfatizando as tensões, os conflitos e as disputas sociais ocorridas na praça, devido às diferenças de grupos, conseqüentemente, de interesses de proveito do mesmo.

Capítulo II

Tensões, conflitos e disputas sociais numa praça.

“Eu sou cidadão brasileiro e posso viver no Brasil em qualquer lugar, ué. Num tem casa pá morá, mas só porque eu num tenho casa pá morá eu num posso vivê no Brasil? Então eu vou pá outro país?”¹

José Cláudio G. Teodoro.

Frente às reflexões do primeiro capítulo, foi possível apreender a Praça Nossa Senhora Aparecida enquanto um espaço plural, caracterizado pela diversidade de usos e usuários, onde diferentes sujeitos “convivem”, cotidianamente, conforme suas ações e práticas sociais desenvolvidas neste espaço urbano.

Este segundo capítulo trará uma reflexão acerca dos conflitos, das tensões e das disputas sociais desencadeadas nessa praça, decorrentes dessa diversidade de interesses de usos, ocupações e apropriações deste local, conforme as expectativas de seus usuários. Assim sendo, pretendo pensar as maneiras que estes sujeitos, por meio de suas relações sociais, agem neste espaço da praça, construindo e definindo seus territórios.

Para Arantes², a cidade é cenário de conflitos, onde as diferenças sociais podem ser notadas nas paisagens que compõem este espaço urbano, evidenciadas nas imagens da cidade, através da atuação de seus habitantes. Então, na Praça Nossa Senhora Aparecida são expressas posturas antagônicas, através das relações sociais dos moradores do Bairro Nossa Senhora Aparecida, freqüentadores desta praça.

¹ José Cláudio Gonçalves Teodoro. Entrevista realizada em 03 de setembro de 2005.

² ARANTES. A. Antônio. **Paisagens Paulistanas: Transformações do espaço público**. São Paulo: Editora da Unicamp, Imprensa Oficial, 2000.

O Sr. Waltercides, que é taxista nesta praça, faz uso deste espaço para desempenhar sua atividade profissional, o que o faz perceber este como um lugar para o trabalho. E, sendo seu interesse nesse local voltado para sua profissão, ele construiu nesta praça seu território de trabalho.

“Eu gosto de trabalhar aqui na Praça Nossa Senhora Aparecida, é um ambiente bom, tranqüilo, eu faço o que eu gosto, tem muito tempo que mexo com táxi, essa é minha profissão. Me sinto bem estano aqui, com o pessoal que já fiz amizade”.³

O Sr. Waltercides se reconhece nesse lugar, se vê enquanto um indivíduo que faz parte deste espaço, compartilhando com outros sujeitos interesses e experiências cotidianas. Ele divide o ponto de táxi com outros colegas de trabalho, que também são taxistas, permanecendo grande parte do tempo neste ambiente.

Quando entrevistei o Sr. Waltercides, no ponto de táxi da praça, estavam presentes outros taxistas, que acompanharam as narrativas deste colega de trabalho. Nesse momento, o Sr. Kelson, um jovem taxista, através de suas intervenções, concordava com o Sr. Waltercides e, simultaneamente, narrava suas lembranças e sentimentos decorrentes de suas experiências enquanto trabalhador e usuário da Praça Nossa Senhora Aparecida.

O Sr. Kelson exerce tal profissão a cerca de três anos, tempo suficiente para ele preferir esta praça, em detrimento a outros espaços da cidade, para trabalhar.

“Eu trabalho aqui tem treis anos, eu gosto daqui. E quando num tem passagero a gente fica olhando o movimento, vendo o povo passar, assim o tempo passa depressa. Aqui [em Uberlândia] tem muitos pontos de táxi, mas eu prefiro ficar nessa praça”.⁴

³ Waltercides José Bastos. Entrevista realizada em 03 de julho de 2005.

⁴ Kelson Faria Costa, 23 anos, taxista, solteiro. Entrevista realizada em 03 de julho de 2005.

Além destes taxistas, na praça têm outros trabalhadores, de acordo com o Sr. Waltercides:

“Tem muita gente que trabalha aqui [na Praça Nossa Senhora Aparecida] tem pipoqueiro, tem vendedor de cachorro quente, algodão doce, picolé. Tem os que vigia carro, cada um cuida do seu serviço, todo dia é assim”.⁵

Este narrador enfatiza que “*cada um cuida do seu serviço*”, colocando cada sujeito num território distinto, limitado de acordo com sua respectiva profissão. E, é essa a imagem que temos dessa praça, quando percorri o local pude observar que num canto estão os taxistas, em frente ao Santuário se localizam os vendedores de pipoca, cachorro quente, algodão doce, e pelas ruas que cercam a praça ficam os vigias de carros, cada sujeito em sua área de trabalho.

Vigiar os veículos, principalmente, dos freqüentadores do Santuário Nossa Senhora Aparecida, é uma atividade comum nesta praça, pois é a maneira que os moradores de rua, conseguem algum dinheiro para se sustentarem enquanto permanecem neste lugar.

O Sr. José Cláudio, um desempregado, busca nesta atividade uma forma de se manter até encontrar outro trabalho. Passa grande parte do seu tempo vigiando veículos, portanto esta é uma atividade temporária, que irá exercer somente enquanto não consegue outro emprego, pois considera que esta profissão não compensa financeiramente.

“Hoje em dia num tá compensano, mas tudo compensa né, quem tá no mundo mesmo num tá teno nada, tudo compensa. Vigio os carro pá arrumá alguma coisa pá comê e tal, prá garanti enquanto arrumo um serviço”.⁶

⁵ Waltercides José Bastos. Entrevista realizada em 03 de julho de 2005.

⁶ José Cláudio Gonçalves Teodoro. Entrevista realizada em 03 de setembro de 2005.

À medida que estes trabalhadores exercem suas atividades, vão se apropriando deste lugar, através de suas ações enquanto agentes sociais, estabelecendo relações com outros sujeitos e delimitando seus espaços.

Na Praça Nossa Senhora Aparecida, estes sujeitos trabalham e, simultaneamente, vão delimitando seus territórios, construindo um sentimento de pertencimento enquanto trabalhadores, deixando suas marcas impressas nesta paisagem urbana.

Arantes diz que:

“Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. (...) Por esse processo, ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações e lembranças compartilhadas, que passa a fazer parte da experiência ao se transformarem em balizas reconhecidas de identidades, fronteiras de diferença cultural e marcos de “pertencimento”.”⁷

Este sentimento de pertencimento faz com que estes sujeitos se sintam parte da coletividade, se vendo enquanto indivíduos pertencentes a sociedade em que estão, conforme suas expressões, afinidades e sentimentos de identificação. Estes sujeitos que desempenham suas profissões no espaço desta praça se reconhecem em seu grupo social e, através de suas ações, validam as fronteiras simbólicas que os separam dos demais indivíduos situados neste espaço da praça.

Dessa forma, para o Sr. Waltercides, ir à praça com outros fins, talvez não seja tão interessante, conforme seu olhar. Quando se referiu aos aposentados, disse que *“tão aí todo dia, num tano choveno, todo dia tem truco, caxeta e truco, só vai embora quando chove. Num tem mais nada pra fazê, então fica aí”*.⁸

O fato do Sr. Waltercides perceber a Praça Nossa Senhora Aparecida enquanto um espaço de trabalho, provavelmente, dificulta sua compreensão

⁷ ARANTES. A. Antônio. **Paisagens Paulistanas: Transformações do espaço público**. São Paulo: Editora da Unicamp, Imprensa Oficial, 2000. (p. 106).

⁸ Waltercides José Bastos. Entrevista realizada em 03 de julho de 2005.

acerca da concepção que o outro tem deste lugar, enquanto um lugar para o lazer, o descanso e a diversão.

Essas diferenças de interesses fazem com que num mesmo espaço existam territórios distintos, definidos por seus usuários, conforme suas perspectivas e ações, muitas vezes resultando em opiniões divergentes, portanto condizentes com as posturas de cada sujeito social.

Para o Sr. Waltercides, referindo-se ao projeto de reforma da Praça Nossa Senhora Aparecida, haverá a necessidade de contratar guardas para vigiarem este ambiente dos moradores de rua, assegurando o direito de uso pela sociedade, pelos cidadãos que se consideram socialmente incluídos, portanto, cujos direitos devem ser resguardados pelos governantes.

“Se ela realmente for concretizada vai atrair muita gente, as crianças que os pais traz pra brincar na praça, tirar os mendigos, porque isso inibe a presença do povo, tem que ter guarda prá vigiá esse lugar. Se colocar guarda aqui, os mendingo vai embora”.⁹

Frente a isso, percebemos que por se considerar um cidadão socialmente incluído, o Sr. Waltercides considera estes moradores de rua enquanto intrusos, não devendo estes permanecer na praça e aproveitarem deste espaço como os demais habitantes e, de outras formas, se for o caso.

Essa vigilância policial, requisitada pelo Sr. Waltercides, já existe e condena a instalação destes sujeitos, moradores de rua, na Praça Nossa Senhora Aparecida. Segundo o Sr. José Cláudio, ao ser abordado por policiais na região, estes exigiram que ele deixasse o local onde estava, a Praça Nossa Senhora Aparecida.

“(…) ele disse não pois eu vô lá, passá lá na praça lá, cê tivé lá eu vô te quebrá no cacete. Eu disse: Pode quebrá, pode quebrá, agora eu quero que me leve preso, quero vê, rapaiz você é autoridade, existe justiça, eu quero vê se a justiça me proíbe, vê em qual código penal se existe do

⁹ Idem.

cidadão brasileiro num podê vivê no Brasil, em qualquer lugar, em qualquer cidade. Depois num passaram nenhum [policial] aqui, num voltaram mais, num vieram aqui não”¹⁰.

É interessante perceber como estes moradores de rua constroem estratégias para sobrevivência diante das desigualdades sociais e desrespeito às suas diferenças culturais, pois nesse momento o Sr. José Cláudio argumentou, frente às ameaças dos policiais, que ele é um cidadão brasileiro e por isso pode viver em qualquer lugar do Brasil, inclusive na Praça Nossa Senhora Aparecida.

“Eu falei prá ele: Mas ocê qué que eu vô prá onde? Não mais ocê vaza prá ôtros bairro aí, mas num fica perto do centro não. Eu disse: Não rapaiz eu vô ficá lá na praça, se ocê quizé me prendê, pode me prendê, mas eu sô cidadão brasileiro, eu quero vê se a justiça, vai lá, cês são autoridade, mas existe a justiça, vê se no código penal existe isso, porque a justiça que tem que condená a pessoa. Vê se eu posso ficá preso porque eu vivo no Brasil, eu sô brasileiro ué. (...) agora vô pegá meu galo, pegá lá na praça me levá preso, isso não existe não”¹¹.

Ser vigiados é comum na rotina destes moradores de rua, até mesmo porque se encontram numa situação de extrema exposição pública. Portanto, o Sr. José Cláudio, conforme suas narrativas, não se intimidou com a exigência dos policiais, permanecendo nesta praça com seus demais companheiros.

“(...) ele disse não pois eu vô lá, passá lá na praça lá, cê tivé lá eu vô te quebrá no cacete. Eu disse: Pode quebrá, pode quebrá, agora eu quero que me leve preso, quero vê, rapaiz você é autoridade, existe justiça, eu quero vê se a justiça me proíbe, vê em qual código penal se existe do cidadão brasileiro num podê vivê no Brasil, em qualquer lugar, em qualquer cidade. Depois num passaram nenhum aqui, num voltaram mais, num vieram aqui não”¹².

A intimidade exposta no espaço público, aberto, sob o olhar dos outros indivíduos faz parte da rotina destes moradores da praça. Quando caminham por

¹⁰ José Cláudio Gonçalves Teodoro. Entrevista realizada em 03 de setembro de 2005.

¹¹ Idem.

este local, alguns sujeitos parecem não se sentirem à vontade, percebendo determinados espaços como restritos, reservados, a estes moradores da praça. Como se este território estivesse definido, demarcado, e, penetrar nele significaria “invadir” o espaço do outro, entrar num território alheio.

Estes “ocupantes” da praça não estão neste espaço definitivamente, uns vem, outros vão, são passageiros, habitantes temporários, às vezes reincidentes, portanto não “moram” ali por muito tempo. Mas o tempo que permanecem buscam legitimar seu território, seu espaço de vivência, através de suas ações.

Para a Sra. Sandra a praça é espaço destinado ao lazer, lugar de conviver com pessoas do seu grupo social, com as quais compartilha idéias semelhantes, além dos mesmos interesses. Ao narrar suas lembranças sobre suas vivências e convivências na praça, esta moradora expõe a maneira que seu grupo de amigos se comportava, como se expressava neste espaço público.

*“Então a nossa turminha era uma turminha boa, onde a gente não falava de drogas, não havia esse tipo de assunto entre nós, o assunto era bem assim, era coisa pra cima, que colocava a gente pra cima, a gente aprendia muito mais. E surgiram amizades ali muito boas, amizades em que a gente conhecia famílias né, então não ficava restrito só aos amigos, tinha os familiares dos amigos também”.*¹³

Essa “turminha” descrita pela Sra. Sandra expressa a maneira que ela percebe o espaço público enquanto um lugar de reconhecimento social na cidade, onde os sujeitos desenvolvem vínculos afetivos entre si, pois nesta narrativa ela fala de relações de amizades, entre os indivíduos e suas famílias. Relações nas quais não se falavam em coisas que, para ela, são negativas, como o uso de drogas.

A questão relacionada às drogas faz com que esta moradora, atualmente, perceba este espaço de maneira diferenciada dos tempos de sua juventude, o que

¹² Ibidem.

¹³ Sandra de Cássia Peixoto. Entrevista realizada em 22 de fevereiro de 2006.

impede que relacionamentos como os que tiveram, conforme suas experiências, surjam neste espaço, segundo suas concepções.

Beatriz Sarlo diz que:

*“(...) a idéia de que a droga é uma das causas da violência faz parte do senso comum e quase não é necessário comprova-la: ao descrever a violência, testemunhas e vítimas quase sempre acreditam identificar agressores jovens e drogados. É difícil discutir com um imaginário que, como parece provável, está sustentado em alguns dados bastante sólidos da experiência”.*¹⁴

A presença de usuários de drogas na Praça Nossa Senhora Aparecida é observada pela comunidade, estando presente nas narrativas destes moradores enquanto uma característica negativa deste lugar, algo que afasta os demais moradores do bairro, freqüentadores desta praça. Esta discussão sobre as drogas, frente às narrativas dos habitantes do Bairro Nossa Senhora Aparecida, está vinculada a presença dos moradores de rua nessa praça.

Para a Sra. Sandra, freqüentar esta praça no passado muito se difere das práticas atuais, visto que as mudanças ocorridas no local, para ela, fazem com que este deixe de ser um lugar tranquilo.

*“(...) hoje com a atual circunstância a gente vê, porque eu não tenho lembrança de vê mendigos que freqüentava e não morava lá na praça. Hoje não, hoje tem muitos, então além de tornar um lugar perigoso, que as pessoas tinham a, todo mundo saía de suas casas, até mesmo gente que morava na região e iam pra praça, (...). Era um local que cê ia descansá, hoje já não pode ser assim”.*¹⁵

Esse comparativo de freqüentar a praça no passado e no presente também é constante nas narrativas da Sra. Vanilda, que fala sobre as diferentes formas de usos em tempos distintos.

¹⁴ SARLO, Beatriz. **Tempo Presente: Notas sobre a mudança de uma cultura**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio Ltda., 2005. (p. 64).

¹⁵ Sandra de Cássia Peixoto. Entrevista realizada em 04 de setembro de 2005.

*“Na época, quando a gente ia lá, na época das barraquinha, que era feita lá na praça de terra era muito bom. Era tudo muito animando, ia a família toda, a gente reunia e ia pa festa. Agora já num tem mais essas festas boas, animada”.*¹⁶

Para esta moradora a praça pode ser definida no tempo histórico em duas diferentes fases: antes da pavimentação e ajardinamento – a *praça de terra*, e depois dessa pavimentação e ajardinamento. Havendo ainda uma associação desta praça do “passado” com bons momentos de sua juventude, segundo suas lembranças.

A *turminha boa*, descrita pela Sra. Sandra, que não tinha contato com drogas, além de ter a aprovação e participação dos familiares dos integrantes desta, retrata um grupo de pessoas com interesses semelhantes, que desfrutam do espaço desta praça, delimitando suas fronteiras, selecionando os indivíduos, os quais poderiam integrar este grupo de pessoas.

*“A gente ia lá na praça pra ficá conversano, era muito bom, juntava uma turma de amigos e se reuniam. Os pais confiavam na gente, porque sabia com quem a gente tava, hoje já não conhecemos as pessoas. Saí de casa e í pra praça é diferente, não tem mais as turminhas que existia antes”.*¹⁷

As referências familiares foram importantes na trajetória da Sra. Sandra, pelo menos neste momento histórico, seria como apresentar a procedência daqueles com quem ela convivia/convive, havendo uma preocupação com estes referenciais.

As mudanças na forma dos sujeitos se relacionarem na cidade permite que a Sra. Sandra entenda que, atualmente, haja um distanciamento entre as pessoas, pois ela acredita que hoje não é possível conhecer os sujeitos como no passado. Isso nos faz perceber que a maneira de se relacionar na cidade passa por

¹⁶ Vanilda Carrijo. Entrevista realizada em 07 de agosto de 2005.

transformações, mudanças definidas em determinados períodos históricos, identificadas nessas narrativas orais de acordo com as trajetórias destes moradores do Bairro Nossa Senhora Aparecida.

E assim, as desigualdades sociais separam, selecionam, incluem e excluem sujeitos, arquitetando territórios, lugares e não lugares, de acordo com as identidades de cada grupo social, que através de suas práticas legitimam seus espaços.

Esses territórios, definidos pelos habitantes da cidade, têm suas fronteiras delimitadas, sendo que somente ingressam nestes aqueles que tiverem os mesmos valores, comungarem os mesmos ideais, conforme exigência da própria sociedade.

Sob o olhar da Sra. Sandra, os sujeitos que não se enquadram nos padrões morais, conjunto de valores do seu grupo social, quando situados num mesmo espaço de “convivência”, podem causar-lhe desconforto e estranheza. Estes padrões morais são definidos na maneira de viver e conviver diariamente em sociedade, expressados nas formas de trabalhar, divertir, morar, dentre outras práticas sociais.

“Com comportamentos estranhos [os moradores de rua], me passaram a sensação de ameaça, como se fossem tentar agredir com ações ou palavras. Eles não se intimidam com a presença de pessoas que saem da igreja ou levam seus filhos para brincar na praça, ou mesmo passam por lá. Mas mudam completamente com a presença de policiais”.¹⁸

Talvez a percepção de que estes moradores de rua se intimidam com a presença de policiais possa ser interpretada de outra maneira, ou seja, não são os moradores de rua que se intimidam com a presença dos policiais, mas os policiais que através de suas ações fazem com que estes se sintam intimidados.

¹⁷ Sandra de Cássia Peixoto. Entrevista realizada em 22 de fevereiro de 2006.

¹⁸ Idem.

Esse grupo de pessoas que se sentem incomodadas com a presença destes moradores de rua são aqueles que se consideram incluídos na sociedade, acreditando que seus direitos de cidadão devem ser garantidos pelas políticas sociais, protegendo-os de qualquer ameaça.

Estes sujeitos, os moradores de rua, são excluídos do meio social, do espaço de convivência, passando a ocupar um não espaço. Eles são marginalizados pela sociedade em geral, sendo vistos enquanto *coisas fora do lugar*¹⁹, por isso, discriminados pela situação em que se encontram. Tal fato pode ser em decorrência da não intimidade entre os sujeitos sociais, o desconhecimento da situação faz com que alguns indivíduos criem rótulos para estes moradores de rua sem mesmo saberem os motivos que os levaram a não ter uma casa, um trabalho, uma família, conforme padrões estabelecidos pela sociedade.

*“Infelizmente não tive a oportunidade de estar mais perto de alguns deles [moradores de rua], e não pude ter outra impressão que não seja negativa deles. Eles fazem com que o ambiente do local deixe de ser aproveitado para lazer de outras pessoas”.*²⁰

Esta moradora diz que não teve a oportunidade de estar mais próxima aos moradores de rua, portanto precisamos pensar o que ela chama de *“oportunidade de estar mais perto”*, sabendo que ambos freqüentam o mesmo espaço cotidianamente, sendo separados apenas pelas barreiras simbólicas. Por outro lado, podemos perceber o quão representativas são estas barreiras simbólicas, cujos limites, normalmente, não são ultrapassados por outros sujeitos.

Essa *“impressão negativa”* apreendida pela Sra. Sandra, referente aos moradores de rua, fazendo com que o ambiente deixe de ser aproveitado por outras pessoas, ressalta a percepção do sujeito que se sente socialmente incluído,

¹⁹ Em sua obra *Paisagens Paulistas: Transformações do espaço público*, Arantes reflete sobre a situação do morador de rua e como a sociedade o concebe enquanto *“coisa fora do lugar ou ser fora do lugar”*.

²⁰ Sandra de Cássia Peixoto. Entrevista realizada em 22 de fevereiro de 2006.

vendo o outro enquanto um não sujeito, deslocado na sociedade. Assim, este não sujeito incomoda, atrapalha e impede que outros, os que se consideram sujeitos socialmente incluídos, usem, ocupem e apropriem deste espaço público. *“Acredito eu que alguns não conseguiu conquistar um lugar digno na sociedade, por um motivo ou outro, não teve oportunidades, foram excluídos”*.²¹

A Sra. Sandra, em suas narrativas, admite não ter um conhecimento sobre a situação destes moradores de rua, portanto enfatiza que tais moradores não ocupam *“um lugar digno na sociedade”*, sendo *“excluídos”* do convívio cotidiano. A ausência desse lugar digno faz com que estes moradores ocupem outros lugares ou não lugares nos quais possam viver.

Assim, percebemos que a praça expõe publicamente a falta de direitos de parte da população da cidade, é local da diversidade, *“acolhendo”* quem não tem onde morar, *“abrigoando”* em suas moradias *“invisíveis”* aqueles que buscam por um espaço na cidade. Estes sujeitos que não são aceitos pela sociedade, sobretudo, por serem desprovidos materialmente, não são localizados no mapa social.

O Sr. José Cláudio fala sobre o fato de não ter um lugar para morar, portanto, considera *“o mundo a sua casa”*, um dia numa cidade, outro dia noutra, e assim, muitas vezes, sem lugar para ficar, fica nas ruas, nas praças. Ele se identifica enquanto um *“trecheiro”*, um sujeito que não tem moradia e emprego fixos e viaja para vários lugares.

“Eu não tenho lugar de morá não, eu moro no mundo (...). Outros que anda muito que nem nós, fala trecheiro, a gente que anda no mundo assim. A gente que saiu no mundo, que não tem serviço direto, assim, hoje tá numa cidade, ôtro tá nôtra, num tem famia, então é trecheiro né? Tá na rua, então é trecheiro, aí a gente fica aqui na praça”.²²

Este morador de rua, através de suas narrativas evidenciou sua situação e de muitos outros sujeitos que, assim como ele, *“moram”* nesta praça, até

²¹ Idem.

encontrarem outras alternativas de sobrevivência. Ele enfatiza o nome recebido pelos outros, sendo identificado como um “*trecheiro*”, o que seria, para ele, um sujeito que viaja muito, sem destino certo.

*“Tô só esperano chegá segunda-feira, porque aí agora eu cheguei da Sucan aqui em Uberlândia, cheguei foi segunda-feira, segunda. Aí eu conversei com os policial ali na Rodoviária, falô pa segunda-feira agora, porque eu fui conversá foi no final de semana, falô prá eu í lá, vai vê se arruma passage direto pa Brasília. (...) depois vou pô Mato Grosso trabaiá”.*²³

Diante das narrativas do Sr. José Cláudio, percebemos que ele se mostra enquanto um sujeito que sabe o seu lugar, mesmo que os outros não saibam. Ele sabe onde está, para onde vai, como sair de um lugar e chegar em outro, se situa geograficamente, conhecendo diversos meios para se sobressair cotidianamente, no intuito de chegar ao seu destino.

Este morador de rua está em busca de um trabalho, mesmo que este seja temporário, pois assim que chegou na Praça Nossa Senhora Aparecida começou a vigiar os carros, no entanto já faz planos para ir para outro Estado em busca de uma nova colocação no mercado de trabalho.

Estes moradores de rua, sem domicílios ou referências pessoais, não são situados no mapa social pela coletividade, por isso são concebidos enquanto não sujeitos, sendo deslocados do convívio social. Além dessa exclusão, estes moradores ainda são estereotipados enquanto marginais, tendo suas ações associadas ao consumo de drogas, representando perigo à sociedade, conforme diz a Sra. Vanilda ao fazer referência às mudanças ocorridas no espaço da praça:

*“O que mais mudou foi que a praça passou a ser esconderijo de andarilhos, que antes não tinha, gente que mexe com drogas, inclusive passá lá a noite é arriscado. Para passar lá de noite tem que ter cuidado, tem que tá acompanhada”.*²⁴

²² José Cláudio Gonçalves Teodoro. Entrevista realizada em 03 de setembro de 2005.

²³ Idem.

²⁴ Vanilda Carrijo. Entrevista realizada em 07 de agosto de 2005.

Certamente com o crescimento urbano e desenvolvimento da cidade, o número destes moradores de rua teve um aumento significativo, que pôde ser percebido por esta moradora. Além disso, devemos considerar a aceleração das relações de dominação, a grande acumulação de riquezas por uma pequena parcela da sociedade, reforçando as desigualdades sociais, conseqüentemente, o acirramento do empobrecimento, outros fatores que contribuem para tal realidade, de acordo com as novas formas de (re)organizar os modos de viver na cidade

Segundo Beatriz Sarlo:

*“Para as camadas populares, o espaço social fragmentou-se, também, por outras razões suplementares. As cidades, divididas por barreiras culturais intimidantes, e, naturalmente, pelas diferenças de consumo material, foram remodeladas”.*²⁵

E, assim como a Sra. Vanilda, a maioria dos indivíduos que tive contato, trata estes moradores com descaso, sem demonstrar qualquer preocupação ou incômodo pela situação vivida por eles, apesar de se sentirem incomodados com a presença destes sujeitos nestes espaços públicos.

A Sra. Sandra fala das relações existentes entre estes moradores de rua, definindo a intimidade entre casais enquanto constrangedora para quem se encontra neste local. Quem sabe esta não é a maneira que eles, os moradores de rua, têm para contestarem os padrões morais destes sujeitos que os ignoram socialmente, saindo dos parâmetros aceitos pela comunidade.

*“Algumas vezes que parei na praça, não pude deixar de observar, alguns grupinhos de 3 ou 4 pessoas que moram na praça. (...) Nesses grupos, as vezes se formam casais, mas quando percebem que tem pessoas observando, pareciam fazer questão de se mostrarem, causando constrangimento nas pessoas que ali passam com suas famílias”.*²⁶

²⁵ SARLO, Beatriz. **Tempo Presente: Notas sobre a mudança de uma cultura**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio Ltda., 2005. (p. 57).

²⁶ Sandra de Cássia Peixoto. Entrevista realizada em 22 de fevereiro de 2006.

A concepção de família para estes moradores de rua, certamente se diferencia do modelo socialmente concebido, pois estes sujeitos vivem nas ruas, não têm domicílios, e, a maioria não está acompanhada de pai, mãe, esposo (a) e filhos, tendo apenas um ao outro, sujeitos que compartilham a mesma realidade.

Esse incômodo que as pessoas têm em relação aos moradores de rua não significa que a sociedade esteja preocupada em solucionar a situação destes, mas que procura se resguardar frente às práticas dos moradores de rua já que estas se divergem das práticas sociais cotidianas dos demais cidadãos.

Tal fato pode ser explicado, conforme Beatriz Sarlo, pela insegurança permeada na cidade, fazendo com que a população fique com medo, estando este medo relacionado ao espaço público, nos locais onde todos os sujeitos podem estar.

“A lista de violência urbana é praticamente infinita. Alimenta um sentimento de insegurança que se converteu numa paixão: a paixão pelo medo como (des)organizadora das relações com o espaço público. (...)

Mas sem dúvida, a violência tem aumentado e, ainda que isto não seja quantificável, a sensação de insegurança aumentou tanto quanto a violência”.²⁷

Os indivíduos, além de experimentarem episódios de insegurança, muitas vezes, movidos pelo medo, temem determinadas situações em decorrência de outras experiências, portanto o fato de imaginarem o que poderá acontecer, através de suposições, afasta ainda mais os indivíduos, pois estes percebem a violência nas relações cotidianas da cidade.

A Sra. Sandra, inicialmente, fala sobre não ter oportunidade de conhecer melhor os moradores de rua, no entanto, no decorrer de suas narrativas, faz referência ao receio de chegar até estes sujeitos, dizendo temer seus atos.

²⁷ SARLO, Beatriz. **Tempo Presente: Notas sobre a mudança de uma cultura**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio Ltda., 2005. (p. 48 – 49).

*“Um dia presenciei um rapaz seguindo uma moça que atravessava a praça, quando ele tava bem perto dela, um companheiro assoviou e ele disfarçou, deu meia volta. Ficô sem jeito, era a Polícia que tava chegando. Depois que a polícia passou ele se juntou a um grupinho e todos ficou rindo alto, com ar de deboche. Eu fiquei com medo, por isso procuro não chegar muito perto”.*²⁸

Enquanto a Sra. Sandra admite seu medo frente às ações dos moradores de rua, a Srta. Queila fala sobre o que acredita afastar os demais sujeitos destes, percebendo os moradores de rua enquanto indivíduos deslocados na sociedade, entendendo que para ser um cidadão comum é preciso ter residência, roupas limpas, trabalho.

*“Eu acho que as pessoa tem medo dos mendigo, passa uma má impressão, porque o povo tem que ter abrigo, não morá na rua. Porque eles num tem roupa limpa, não toma banho e fica pedindo esmolas. As pessoa fica assustada quando eles vem pedir esmola”.*²⁹

Nessa praça, assim como noutros lugares públicos, os moradores de rua jogam com o que é familiar, pois é neste espaço que se alimentam, dormem, ou seja, ações de caráter privado sendo praticadas num espaço público, sem barreiras materiais, no qual outros sujeitos freqüentam com outros fins. O fato de se alimentar, dormir, não tem a mesma representação para estes indivíduos, pois estes não interpretam estas atividades como algo comum, mas como uma luta diária pela sobrevivência.

*“Eles [moradores de rua] usa lá a praça, lá onde tem uma fonte que não funciona e tem uns cantinho que cerca o vento, eles dorme lá. (...) eles come lá mesmo, debaixo das árvore, a comida que o povo dá. Eles fica lá o dia inteiro”.*³⁰

²⁸ Sandra de Cássia Peixoto. Entrevista realizada em 22 de fevereiro de 2006.

²⁹ Queila Lamonier Costa. Entrevista realizada em 05 de dezembro de 2005.

³⁰ Idem.

Os alimentos doados pela comunidade e pelo albergue local – Albergue Ramatiz, são as opções que estes sujeitos têm para fazerem suas refeições, considerando que não possuem recursos financeiros. Dessa forma, caso não haja doações pela comunidade e/ou auxílio do albergue, estes moradores de rua estarão sujeitos a passarem fome, pois não existem outras políticas públicas que visam atender as necessidades básicas destes sujeitos.

“(...) a comida, a gente arruma uma comida, tem um albergue ali também, que eles dão comida lá. De primero dava aqui, eles trazia sopa aqui a noite, num traz mais não, eles trazia. Uma Perua trazia aqui, aqui e na Rodoviária, agora num sei porque eles pararam, cheguei esses dia agora de novo”.³¹

Podemos perceber que as assistências dispensadas a estes moradores de rua tornam-se cada vez mais escassas perante as práticas governamentais, bem como as práticas da sociedade. De acordo com o Sr. José Cláudio, antes havia algumas medidas que os beneficiavam, portanto estas estão sendo extintas das políticas sociais.

Este morador de rua não sabe ao certo até quando existiu essa política de assistencialismo que beneficiava seu grupo social com alimentação, portanto, sabemos que esta mudança se deu nos últimos anos, lembrando que o Sr. José Cláudio disse no início de suas narrativas que está na região de Uberlândia a cerca de cinco anos.

Com a ajuda da comunidade em geral e das doações dos fiéis do Santuário Nossa Senhora Aparecida estes moradores de rua conseguem algum dinheiro para compra de alimentos.

“Eu acho que eles [moradores de rua] tão lá na praça porque é o único lugar que eles encontrou. (...) Dia de domingo tem muitos mendigo pedindo moedas pros fiel. Num tem emprego, passa fome, num tem casa, só resta pedi. Daí devem comprar comida”.³²

³¹ José Cláudio Gonçalves Teodoro. Entrevista realizada em 03 de setembro de 2005.

³² Queila Lamonier Costa. Entrevista realizada em 05 de dezembro de 2005.

Da mesma maneira que conseguir alimentar-se é um problema para estes moradores de rua, dormir também não é uma questão fácil, sabendo que nesta praça são poucas as construções que permitem que eles se abriguem, principalmente em tempos de chuvas.

“(...) de noite depois que fechá a Igreja aí, se começá a chovê agente fica ali. Só que eles deixava ficá aí debaixo [das marquises do Santuário], aí todo mundo aí, mas começaram outros trecheiros entendeu? Aí ficô muita gente. Agora fica em quarqué lugá”.³³

O próprio Santuário restringiu a utilização de suas marquises pelos moradores de rua, pois numa reforma recente foram colocadas grades de proteção, as quais têm a finalidade de impedir a entrada e abrigo destes moradores nas dependências desta instituição religiosa. Se não bastassem as fronteiras simbólicas permeadas na sociedade, que distanciam os grupos sociais, temos ainda as fronteiras materiais que delimitam espaços, separando os sujeitos conforme seus interesses.

Na Praça Nossa Senhora Aparecida podemos perceber diferentes categorias sociais, onde diversas identidades se expressam, definindo esta imagem urbana. Assim, o medo, a desconfiança permeia este espaço para aqueles indivíduos sociais, cidadãos comuns que se vêem expostos diante de outros sujeitos, os moradores de rua, cujas práticas sociais se divergem das estabelecidas pelos padrões morais e culturais definidos pela sociedade.

Frente a isso, muitas vezes, a sociedade não percebe que os moradores de rua são sujeitos que enfrentam dificuldades, buscam alternativas para sobreviverem, que têm sonhos e expectativas. E que talvez estejam vivendo nesta praça por falta de opção. Para a Sra. Carmem, se alguns destes moradores tivessem oportunidades, poderiam ter uma vida diferente.

*“Depende de cada pessoa, porque uns estão ali por acomodo, não tem perspectiva de vida. Outros estão por falta de apoio, portanto tem muita gente que é comodismo. (...) tem gente que tem oportunidade e consegue alguma coisa na vida”.*³⁴

A Sra. Carmem, sem conhecer a trajetória do Sr. José Cláudio, fala sobre uma situação semelhante a sua, sobre as desavenças familiares, que às vezes podem afastar os indivíduos, sendo a rua o lugar elegido para ficar, portanto trata-se de um processo no qual o sujeito não tem outras opções. *“Uns descombinam com a família, não tem pra onde ir. Não tem casa, não dá certo com a família, então ficam morador de rua”.*³⁵

Esta moradora caracteriza a situação destes moradores de rua, dizendo que estes *“ficam morador de rua”*, ou seja, que por algum motivo, involuntário ou não, estes sujeitos se tornaram moradores de rua, não sendo esta uma situação previamente concebida aos indivíduos, mas podendo ser adquirida ao longo do tempo histórico.

Sair de casa e não voltar mais foi a postura do Sr. José Cláudio, quando expulso pelo pai, ainda com 12 anos de idade. Hoje com 29 anos, fala sobre o seu passado, a sua família, do lugar de onde saiu para andar pelo mundo. Nesta narrativa se mostrou enquanto uma pessoa comum, que mesmo não estando presente, ele tem família, tem referências, não sendo uma pessoa sozinha no mundo. Portanto, consciente disso, este sujeito requer um lugar no “mundo”, na sociedade, pois é tratado enquanto um não cidadão, um sem lugar, mas por não concordar com esta situação busca um lugar, quando seus direitos de cidadão possam lhe ser garantidos.

“Quando eu saí de casa minha mãe tava viva ainda, aí não sei, nunca mais teve notícia de lá. A gente dá vontade de voltá por causa dos amigos, da família né. Eu tenho, nós somos quinze irmão, vivo né? Minha mãe teve dezoito, é, oito com oito dezesseis, dezesseis, minha mãe teve dezesseis filho. Dezesseis não, dezoito, nove homi e nove muié. Aí tem

³³ José Cláudio Gonçalves Teodoro. Entrevista realizada em 03 de setembro de 2005.

³⁴ Carmem Heloísa Alves. Entrevista realizada em 22 de fevereiro de 2006.

³⁵ Idem.

*nove muié viva e só seis homi. Os outro morreu, um nasceu morto né, e os outro morreu depois. Um morreu de pneumonia né.*³⁶

A vontade de voltar para casa, rever a mãe, os irmãos e amigos, é exposta nesse momento em nosso diálogo.

*“Encostado lá tem um poço que jorra mais água do mundo, é encostado na minha cidade, lá no violeiro. (...) Lá tem esse poço, porque lá todo lugar que cavá poço dá muita água né, lá naquela região onde eu moro. (...) Meu pai tem terra lá, a gente planta, planta arroz, feijão e milho. É só pro sustento, só que aí planta, aí planta bastante que dá pá passá muito tempo comeno e vendê uma parte né, porque vende lá tamém, vem os compradô de fora pa comprá os alimento né. Arroz, feijão, milho, aí vem de fora, aí vende que é pa podê comprá o café, porque nós num planta lá, carne”.*³⁷

Da mesma forma que este morador faz referência a sua família, ele também fala sobre o lugar onde viveu com seus familiares, da abundância da água e alimentos de sua terra natal, a cidade de Eliseu Martins - PI. Através de suas narrativas quer mostrar de onde veio, quem deixou para traz: pai, mãe, irmãos e amigos. Ele narra suas lembranças como se quisesse mostrar quem ele é, um sujeito que tem passado, tem família, sendo um cidadão como qualquer outro e, por ter vivido tudo isso, tem uma identidade.

À partir dessas lembranças narradas pelo Sr. José Cláudio podemos pensar o processo de mobilidade social, quando muitos sujeitos deixam diversas regiões brasileiras migrando para o Sudeste, na tentativa de atingir uma melhor condição de vida. Então, sair de um lugar onde se têm referências familiares, sociais, para se inserir noutra sociedade pode trazer dissabores para o sujeito, como é o caso deste narrador, que deixou sua cidade e ao chegar em Uberlândia, bem como noutras cidades, é considerado um não sujeito, um sem lugar.

Pode-se pensar por meio da narrativa deste morador de rua, que ele busca neste espaço público, a Praça Nossa Senhora Aparecida, legitimar-se enquanto

³⁶ José Cláudio Gonçalves Teodoro. Entrevista realizada em 03 de setembro de 2005.

pessoa, através de suas práticas cotidianas e relações estabelecidas com outros indivíduos, no intuito de deixar essa condição de não pessoa, definida por Arantes³⁸ enquanto um sujeito que não possui *“uma localização social legítima e identificável”*.

Ao que é possível pensar, como diz Arantes³⁹, estes moradores de rua vivem sua condição de seres culturalmente invisíveis, como se fossem apenas parte daquela paisagem, portanto se tornam foco de atenções para as práticas de caridade, principalmente dos freqüentadores do Santuário Nossa Senhora Aparecida, e das rotinas de vigilância policial. Não existem projetos sociais/culturais que visem oferecer condições sociais para que estes sejam tratados culturalmente como cidadãos, com direitos nessa sociedade demarcada pelas diferenças sociais.

Perceber o espaço público na expressão dos conflitos sociais, a partir do modo como os habitantes da cidade vivem, é apreender as diferenças sociais existentes no espaço urbano, em diferentes temporalidades, tendo como referências seus modos de (re)organização, permeadas pelas relações sociais destes sujeitos históricos.

Através das trajetórias individuais destes sujeitos, podendo ser compartilhadas ou não, ora narradas conforme suas experiências, de acordo com suas lembranças, foi possível pensar estes conflitos, tensões e disputas sociais neste espaço público, a Praça Nossa Senhora Aparecida, no viver dos moradores do Bairro Nossa Senhora Aparecida.

Assim, acredito ter dado voz aos indivíduos que se fizeram presentes nesta pesquisa, os quais puderam expressar de diferentes maneiras, principalmente, por meio de suas narrativas orais aquilo que acreditam, que pensam e desejam, conforme suas experiências vividas e as diferentes formas se relacionarem na cidade.

³⁷ Idem.

³⁸ ARANTES. A. Antônio. **Paisagens Paulistas: Transformações do espaço público**. São Paulo: Editora da Unicamp, Imprensa Oficial, 2000. (p. 133).

³⁹ Idem.

Considerações Finais

Quando me propus a elaborar esta pesquisa, acerca das vivências, convivências e experiências dos habitantes do Bairro Nossa Senhora Aparecida e usuários da Praça Nossa Senhora Aparecida, tendo como referências as histórias e memórias destes sujeitos, através de suas narrativas orais, tinha convicção de que esta caminhada não seria tranqüila, e, realmente não foi, no entanto foi mais prazerosa do que sempre imaginei.

A dimensão do conteúdo muito me surpreendeu, a diversidade das formas de viver o espaço urbano, as estratégias construídas, ao logo do tempo histórico, pelos sujeitos sociais no que tange a disputa de lugares, de interesses na cidade, foi além do que eu pude inicialmente supor, mesmo tendo a prévia consciência de que estaria descobrindo um “mundo novo”.

Descobertas que, algumas vezes, me fizeram sentir sem direção, sem rumo, já que havia, antecipadamente, elaborado um “roteiro” de como se daria esta pesquisa, e que, de certa forma, me fez “achar” que eu já sabia o seu resultado. Ledo engano, pois havia muito mais a saber no decorrer desse processo: escolher um tema, buscar meus sujeitos, entrevistá-los, pensar suas narrativas e, junto ao conteúdo teórico, elaborar este trabalho. A cada passo me deparava com alguma novidade, uma informação interessante, que me fazia querer, cada vez mais, penetrar neste universo composto pelas memórias e histórias destes sujeitos sociais.

E as novidades vieram, principalmente nos momentos das entrevistas, pois nunca imaginei que aquele senhor que eu estava habituada a ver, sempre que passava pela rua Niterói, e mesmo quando residi nesta, tinha tantas histórias para contar-me. Eu que o via como parte daquele cenário, em frente à sua casa, todos os dias, de cócoras, fumando um cigarro, jamais teria me despertado procurar o Sr. José Horácio, se não fosse por iniciativa de sua filha, a Sra. Carmem.

Surpresa também foi quanto entrevistei o Sr. José Cláudio, o morador de rua. Depois de tê-lo observado por algum tempo, tomei iniciativa e o abordei, e ele prontamente se dispôs a narrar suas experiências. Fiquei perplexa diante de muitas coisas que ele me disse, algumas relatadas nesta pesquisa, outras achei melhor não registrá-las, pois nem tudo que me foi dito estava vinculado às minhas inquietações, pelo menos neste momento. Vi-me encabulada diante daquele ser humano desprovido de todo e qualquer bem material necessário para sobrevivência de uma pessoa e percebi neste momento, que muitas vezes “fechamos os olhos” para os problemas sociais. No entanto, quando me deparei com a realidade daquele sujeito, não tive reação, não soube o que fazer e, confesso, ainda não saber.

Reconheço a importância de cada sujeito entrevistado, cada um contribuiu de forma singular para que eu pudesse pensar este tema. Todos eles: Carmem, Dalmo, José Horácio, Sandra, Vanilda, Waltercides, Kelson, José Cláudio e Queila, através de suas narrativas permitiram que eu refletisse a praça no viver dos habitantes desta cidade. Lamento por não ter conseguido entrevistar algumas pessoas, como o Sr. Pereira (jogador de baralho) e também a Sra. Londina (mãe da Sra. Vanilda), no entanto poderei contata-los noutra momento.

Diante das dificuldades para realizar esta pesquisa, algumas vezes pensei em desistir, em deixar para traz tudo aquilo que apreendi neste período de graduação, pois, sem muito tempo para dedicar aos estudos, foram muitas madrugadas, finais de semana, horários de almoços, mas agora olho para este trabalho e, muito me orgulho. Estou inundada de um sentimento de conquista, de missão cumprida.

Lembro-me dos primeiros passos, das primeiras palavras escritas, das primeiras idéias aflorando em minha mente, das primeiras conversas com minha orientadora, professora Célia Rocha Calvo, que desde o início acreditou em mim, no meu trabalho, e através de suas críticas e sugestões atingi meu objetivo.

Esta foi apenas a minha primeira pesquisa enquanto historiadora/pesquisadora, principalmente por ainda possuir muitas indagações,

muitas inquietações relacionadas ao tema desta monografia. Neste momento tenho mais questionamentos do que quando iniciei este trabalho, pois diante deste amplo “universo” de informações, que abrange o espaço da cidade, conforme práticas sociais de seus habitantes, certamente desejo aprofundar em algumas questões refletidas nesta pesquisa, abordando-as futuramente, de maneira mais consistente, sabendo que a dimensão destas vão muito além do que o discutido neste trabalho.

Dois assuntos merecem uma reflexão mais profunda, no que se refere aos sujeitos sociais, freqüentadores da praça, sendo estes os jogadores de baralhos e/ou damas e os moradores de rua.

Os jogadores de baralhos/damas são senhores aposentados que permanecem grande parte do tempo nesta praça, juntamente com outros colegas, transformando este em um espaço para o lazer. Estes sujeitos, através de suas ações cotidianas criaram uma imagem singular no cenário urbano que pode ser percebida por todos que passam pela Praça Nossa Senhora Aparecida.

E os moradores de rua, cujas experiências estão embasadas no “morar” neste espaço público, são vistos pela sociedade como não sujeitos, por isso, ocupantes destes não lugares. Perceber as estratégias construídas por estes habitantes da cidade, para conseguirem sobreviver neste espaço de disputas de territórios, me induz a querer retomar este assunto, sabendo que há um vasto campo para investigação.

Ao refletir sobre a situação do Sr. José Cláudio, o morador de rua, nesta pesquisa, certamente podemos concluir que existem muitos outros sujeitos na mesma situação que ele, que deixaram suas cidades em busca de uma vida melhor nestas regiões mais desenvolvidas, como o Sudeste. A partir dessa perspectiva é possível perceber a questão da mobilidade social, da busca por melhores oportunidades, o desejo de mudar de vida.

Neste momento tenho vontade de dialogar mais com os sujeitos presentes nesta pesquisa, no entanto fui “interrompida” pelo tempo, em virtude da

necessidade de findar, temporariamente, minhas buscas e questionamentos, objetivando a entrega deste trabalho.

Ao passar pelo bairro, pela praça, continuo a observar os indivíduos presentes naquele espaço, aguçando o meu interesse neste lugar, enquanto historiadora. No intuito de apreender mais sobre as práticas e relações sociais destes sujeitos, retomarei esta reflexão dando continuidade a esta pesquisa ora findada.

Referência bibliográfica

ALMEIDA, Paulo Roberto e KHOURY, Yara Aun. **História Oral e Memórias: entrevista com Alessandro Portelli**. In: História e Perspectivas 25-26. Revista dos Cursos de Graduação e do Programa de Pós-graduação em História da UFU. Uberlândia – MG: EDUFU, 2001/2002. (p. 27 – 54).

ARANTES, Antonio A. **Paisagens Paulistanas: Transformações do espaço público**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.

AMADO, Janaína. **A culpa nossa de cada dia: Ética e História Oral**. In: Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP Ética e História Oral. São Paulo: Educ, nº 15, abril/1997.

CALVO, Célia Rocha. **Muitas memórias e histórias de uma cidade: lembranças e experiências de viveres urbanos. Uberlândia 1938 –1990**. Tese Doutorado. Pr. Pós-graduação em História Social. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2001.

_____. **Cultura e Cidade: Uberlândia, espaços, memórias e vivências**. In: MACHADO, Maria Clara e PATRIOTA, Rosangela (orgs). Revista História e Historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação. Uberlândia, 2003.

FENELON, Déa R. **Cidades**. In: Pesquisa em História Programas de Estudos Pós-graduados em História PUC/SP. São Paulo: Ed. Olho D'água, nº 1, nov/1999. (p. 5 – 13).

KHOURY, Yara Aun. **Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história**. In: FENELON, Déa Ribeiro, MACIEL, Laura Antunes e outros (orgs.). Muita Memórias, Outra Histórias. São Paulo: Olho d'água, 2004. (p.116 – 138).

PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. In: Revista Tempo. Rio de Janeiro, Vol. , nº 2, UFF, 1996. (p. 56 – 72).

_____. **“O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral.** In: FENELON, Déa, MACIEL, Laura Antunes e outros (orgs.). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Ed. Olho D’água, 2004. (p. 296 – 313).

_____. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** In: *Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC-SP Ética e História Oral*. São Paulo: EDUC, Nº 15, abril/1997. (p. 13 – 49).

SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral.** In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH: Marco Zero, vol. 9, set.1989/fev.1990. (p. 219 – 243).

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: Intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina.** Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997. (p. 07 – 52).

_____. **Tempo Presente: Notas sobre a mudança de uma cultura.** Rio de Janeiro: Editora José Olympio Ltda., 2005. (p. 47 – 77).

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre história Oral e as memórias.** In: *Revista Projeto História*. PUC/SP, 1981, nº 15. (Ética e História Oral).

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. **Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais.** In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. (p. 65 – 91).